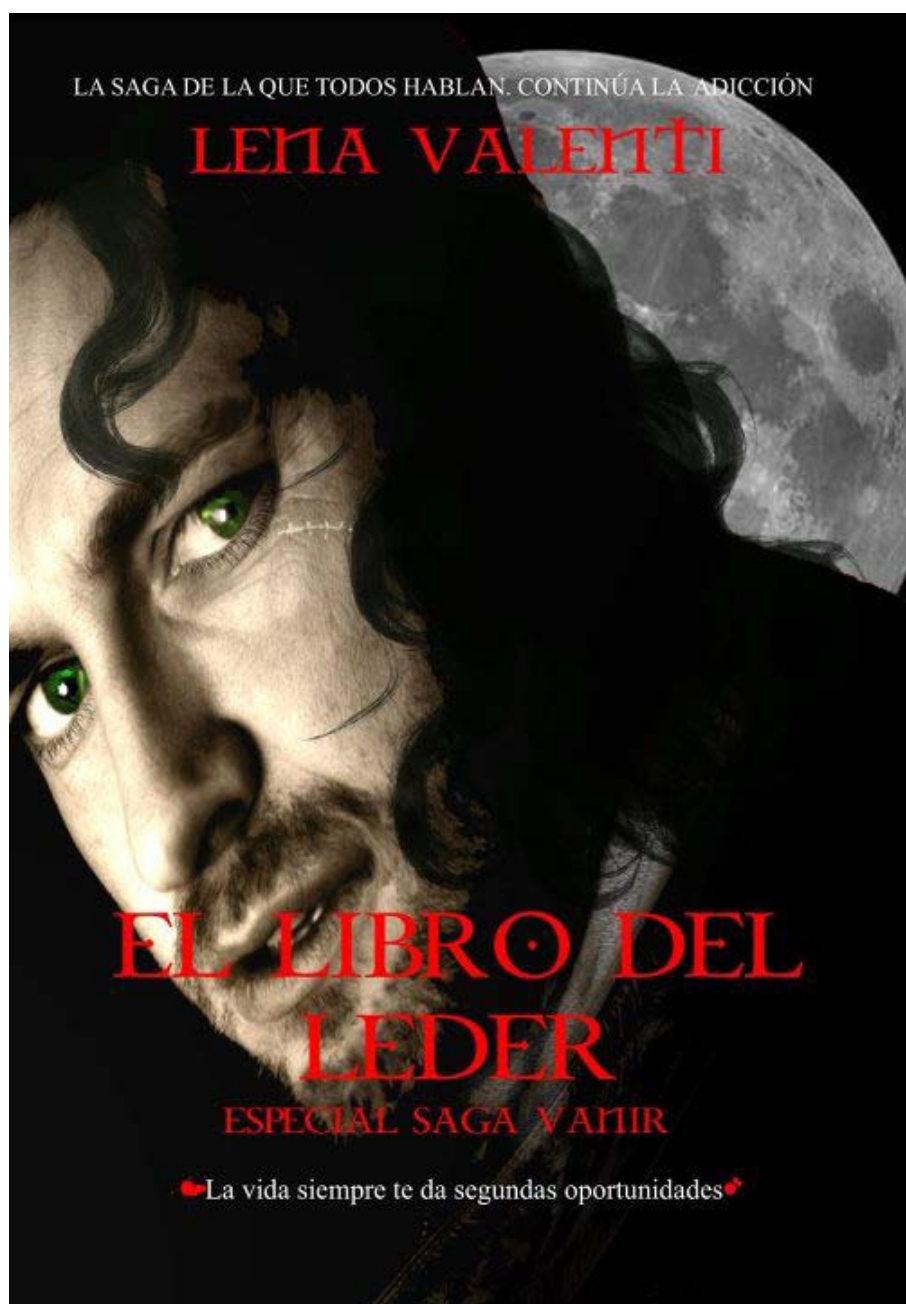


O Livro do Leder

Especial Saga Vanir

Lena Valenti



PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES

Revisão Inicial: Lucilene

Revisão Final: Tininha Rios



Comentário da Lucilene: O livro conta a história do Leder do clã, As Landim, avô de Aileen, a personagem principal do livro 1 da saga Vanir. O conto se centra principalmente no seu relacionamento com María, a sacerdotisa. Os dois formam um casal lindo, muito fofo! María já foi muito magoada e As perdeu sua companheira, então os dois se descobrem como companheiros verdadeiros. Adorei nosso Leder! Como sempre, mais um personagem da Lena Valenti muito intenso, pena que a história não teve mais páginas!

Comentário da Tininha: Esse livro já era super esperado. A história de As e María passou batida e Lena resolveu esse impasse. De uma forma rápida, pois o livro é pequeno, ela repassa quando As e María se conhecem, mais precisamente nos remete ao livro 1, onde Caleb e As começam a se entender, como líderes que são.

Revemos passagens do livro 1 pela visão do casal deste livro, não foi tão intenso quanto todos os outros livros da saga, por ser um livro curto, mas explica mais um pouco passagens que ficaram obscuras. E deixa outras ainda sem serem reveladas...

Recomendadíssimo!

Capítulo 1

Kensington Palace Gardens

Meses atrás

“Quanto tempo demora em curar uma ferida no coração?”

María conhecia aquela expressão no rosto da bela jovem recém-chegada; a dor, o desejo, a ansiedade e o medo. Tudo se misturava em suas belas feições. Aquela garota de olhos lilás, que era a filha do proprietário daquela mansão de estilo vitoriano com reminiscências do século XVI em que ela trabalhava como governanta, era como seu pai Thor: não era humana. E, além disso, estava sofrendo muito por culpa de um homem. E esse homem não era outro que Caleb McKenna, o braço direito de Thor.

María nunca precisou investir muito tempo em conhecer as pessoas. Com somente uma olhada de seus inteligentes olhos negros as pessoas se abriam para ela como se fossem um livro. E as que agora ocupavam a casa eram todas especiais e guardavam muitíssimos segredos. A jovem Aileen, a mulher esperta Ruth e o adorável Gabriel; três humanos. Mas, quem não tinha segredos? Ela certamente tinha muitos.

Centrou seu olhar azeviche em Aileen e retificou. Eram somente dois humanos em vez de três. Essa jovem de cabelo negro liso e olhos lilás era muito especial e estava cheia de força, e tinha a mesma natureza mágica que Thor irradiava.

A pequena Ruth também a intrigava muito. Com seu cabelo mogno e seus olhos âmbar era uma espécie de terremoto, mas pouco consciente do poder que havia em seu pequeno corpo. E havia poder, era só que ela se privou dele. A garotinha estava assustada.

E logo vinha Gabriel. Um homem jovem e agradável que a agradou imediatamente, mas que de tão bom que era, passava despercebido e se convertia em um animalzinho, mas bem inofensivo. Sem ser gay, era o amigo perfeito para as garotas. Esse era Gabriel.

Os três não sabiam quem eram na realidade, mas o destino os colocaria em seu lugar antes do que se pensava, porque o tempo tinha chegado.

E sem dúvida, o tempo também se apressava sobre a jovem filha do desaparecido Thor. Essa menina de vinte e dois anos chamada Aileen tinha um assunto pendente com Caleb. Suas auras se misturavam e se evitavam com uma facilidade espantosa.

Aileen mal acabara de chegar a sua nova casa. Era tudo novo para ela e a pobrezinha tinha que estar muito assustada. Chegou fazia algumas horas pela mão de Caleb e de sua irmã Daanna. María já os conhecia de outras reuniões que tiveram nessa mesma casa há muitos anos. O poderoso jovem tentava lhe dar um espaço que na realidade morria por ocupar. Aileen não confiava nele, situação que se resumia em uma constante colisão.

Depois de servir um brownie aos três, María tentara falar com Aileen, aproximar-se dela para que soubesse que podia confiar em sua pessoa, como fez com Thor a seu modo. Antes que

Aileen se retirasse para descobrir seu novo quarto, María a deteve nas escadas ao dizer:

— Seu pai tinha extrema confiança em Caleb. Sabe de uma coisa, senhorita Aileen? Eu não sou tola. — Não era por nada do mundo. — Desde que conheço Caleb ele jamais envelheceu. — claro que não. Parecia ter uns eternos trinta anos, como todos os que o acompanhavam. Como sua irmã Daanna, como Thor. — Como seu pai. Eles nunca quiseram me dizer isso — Mas ela sabia. É óbvio que sim. Acaso ela também não era especial? Se eles soubessem... —, mas eu sei o que vocês são. — Sim. Em algum momento, ela vislumbrara uma mudança de olhos em Thor muito suspeita e umas presas proeminentes sair de seus lábios superiores. Mas não eram vampiros, eram algo muito mais complexo que os não-mortos. Tinham alma. — Eu tenho o terceiro olho muito desenvolvido. — tocou o meio da testa com um sorriso. — O que quer que sejam nunca me machucaram, ao contrário, eles me trataram muito bem e é por isso que os respeito e aprecio. Gostei muito do seu pai, sabe? E espero ganhar seu coração também. Você é diferente de seus amigos, é diferente de mim... mas se parece muito com Caleb. Os dois têm a mesma aura poderosa ao seu redor. — Uma aura que falava de eternidade e divindade. Aspectos que ela conhecia e com os quais estava intimamente relacionada. — Quase as mesmas cores. Tem medo de Caleb, mas, no entanto, sente algo muito poderoso por ele. Ele se preocupa com você, senhorita. — Precisava proteger e abrigar a essa jovem, porque sentia algo muito pessoal e especial por ela.

Depois daquele bate-papo, Aileen teve a necessidade de se assegurar de que ela não comentara nada com seus amigos sobre suas hipóteses. María assegurou que não, e a jovem foi dormir.

Agora a observava da porta enquanto a garota descansava coberta por um macio e fofo edredom nórdico branco. Com a chegada de Aileen, a vida de todos mudaria. Estavam em junho, e as runas com as quais ela trabalhou essa manhã, Tea, Dyra e Amaya afirmavam que o ponto de inflexão se aproximava sob a forma de uma mulher.

E essa mesma tarde tinha aparecido essa mulher: Aileen, filha de Thor.

Aproximava-se a data assinalada e os acontecimentos se sucederiam um após o outro num ritmo vertiginoso.

Todos os que se preocupavam com seu planeta, pela humanidade; todos aqueles que escolheram o caminho espiritual e se abriram ao universo; todos deviam se pôr em marcha. Porque a batalha final se aproximava, o final dos tempos era iminente e o bem e o mal deviam se perfilar e definir.

— O ocaso dos deuses... — sussurrou apoiada no umbral da porta do quarto da jovem.

Sim, todos tinham segredos. E o seu era um dos segredos antigos mais bem guardados. Ela era María Dianceht, tinha quarenta e dois anos, embora aparentasse muito menos, e trabalhava para a Deusa.

María se afastou dos quartos dos três jovens e se dirigiu à casa de hóspedes, que era a que utilizavam os empregados. Um duplex nada desprezível com vários quartos e todo o necessário para viver com comodidade. Ali, as três anciãs a esperariam para confirmar todas suas suspeitas e previsões.

Quem pensaria que um serviço tão complexo como o seu estava formado por gente que

praticava a magia ancestral e conhecia a sabedoria dos deuses? De fora se veria como um grupo de pessoas muito atípicas: tinha Igor, que seria o chofer particular de Aileen. Um homem corpulento de raça negra, e tão aterrador fisicamente quanto bondoso interiormente; depois as três anciãs que pareciam trigêmeas: Tea, Dyra e Amaya, que eram como ela, só que muito mais velhas e de longos cabelos brancos. As três serviam à Deusa. E depois os dois meninos que se encarregavam do jardim e que mal falavam, mas em troca eram excelentes lutadores e sabiam muito de armas e segurança. Kev e Duram as protegiam, exatamente como fizeram desde que Thor se foi para nunca mais voltar.

María saiu ao jardim e seguiu o caminho de pedra iluminado por pequenas luzes de chão que a levariam ao seu lar. Sim, aquela enorme casa de hóspedes era seu refúgio pessoal. E aquele estranho grupo de personagens se converteu em sua família.

Estava desejosa de se sentar diante da lareira e falar com as três mulheres sobre o que descobriu de Aileen e Caleb, quando ao divisar o pequeno alpendre de madeira da entrada, ficou estática ao ser testemunha de uma cruel agressão a seus dois protetores; sim, ironia, os mesmos que eram especialistas em segurança e que a faziam se sentir um pouco a salvo.

Um homem tão alto e corpulento como Igor, de tez um pouco morena, com o cabelo comprido de cor castanha escura e com alguns fios grisalhos, prendia Kev e Duram pelo pescoço e os elevava a um metro do chão. Agarrava-os sem esforço algum como se não pesassem nada, quando ela se atrevia a assinalar que cada um pesava seus mais que musculosos noventa quilos. Entretanto, esse homem vestido de negro, com roupa larga estilo capoeira os sacudia de um lado ao outro e rugia como o faria um animal ameaçado.

María se deteve em seco, a uns sete metros antes de chegar até eles e colocou a mão sobre o peito, já que o coração parecia querer sair pela boca.

O homem deixou de sacudi-los e se deteve bruscamente. Suas costas largas ficaram tensas e todo seu corpo ficou petrificado. Inalou o ar várias vezes, e então, com um movimento perfeitamente sincronizado a olhou por cima do ombro, com os olhos que viravam de cor do amarelo ao vermelho, como se não soubessem em que estado de ânimo se encontrava. Olhos animais. Olhos que não eram humanos. Suas pupilas se dilataram e o indivíduo grunhiu.

María tremeu e ficou sem respiração. Pela Deusa, as runas mencionaram que o ponto de inflexão vinha com a chegada de Aileen, teria interpretado mal os sinais e isso queria dizer que morreriam?

As Landin, o líder do clã berserker de Wolverhampton, cravou seus olhos selvagens naquela miúda mulher morena e curvilínea, vestida somente com um roupão de seda azul escuro que se agarrava às suas formas como uma segunda pele. Aquela feiticeira o olhava como se ele fosse um demônio e o certo é que não estava muito desviada de tal hipótese.

Fazia muito, muito tempo mesmo que tiraram de As qualquer rastro de misericórdia ou compaixão. Arrebataram isso dele quando acabaram com a vida de sua mulher Stephenie, e mais tarde quando levaram sua filha Jade e fizeram experiências com ela até matá-la.

As envelhecia. Estava envelhecendo pela tristeza e sabia. Sua companheira foi seu combustível, e, embora a amou muito e a respeitou como fêmea, o líder do clã de Wolverhampton era muito consciente de que Stephenie fora a mãe de sua filha, mas não a mulher de sua vida. Sua

kone real.

Os berserkers trocavam o Chi, a energia vital com seus companheiros, e isso os mantinha eternamente jovens. Mas As já não trocava nada. Nem sequer as emoções com outros membros de seu clã.

Ele era o líder. Sempre devia se manter estoico e seguro em todas suas decisões, sempre forte. E nesse momento, depois de tudo o que já vivera em seus mais de dois mil anos de idade, a surpreendente aparição da filha secreta de sua filha Jade com um vanirio chamado Thor, devolvera-lhe a debilidade e o impedia de ser tão frio e inflexível como até então. Aileen era uma manta para seu coração gelado.

Tinha uma neta. Tinha alguém a quem proteger. Alguém a quem cuidar. Uma juvenzinha que recordava a sua Jade e a Stephenie, e que roubou seu coração assim que a viu. E essa juvenzinha de vinte e dois anos estava em sua nova casa, uma das residências da propriedade que foi de seu pai vanirio, e como berserker não gostava que as presas de Caleb McKenna rondassem a sua neta, queria vigiá-la e se assegurar que estava bem e que o moreno de olhos verdes não voltaria a feri-la, nem abusar dela em nenhum sentido. Ao menos, Caleb já tinha recebido seu castigo: vinte e duas chicotadas por cada ano de sua neta. Noah fora seu verdugo, e o açoitou com tanta força que o debilitara e arrancara o orgulho de um líder diante de todos, um castigo público como era devido. Mas Caleb parecia não dar importância a isso e aceitou o castigo com honra. Aparentemente o altivo guerreiro só queria estar com Aileen e estava sinceramente muito arrependido de tudo o que fizera a ela.

Maldição. Não havia homens guerreiros e dignos em seu clã, como Noah e Adam, para que Aileen tivesse que se apaixonar por um de presas? Ainda tinha que digerir que vanirios e berserkers pudessem se unir como companheiros, ainda tinha que assimilar o golpe de saber que sua princesa Jade se apaixonou pelo anterior líder vanirio e que haviam inclusive procriado, para ter que aguentar que sua neta corresse o mesmo risco. Negava-se categoricamente. Ele já amava Aileen. Amava-a porque era sangue de seu sangue e porque a jovem tinha coragem e um caráter que enchia o coração de um avô com orgulho, por isso cuidaria dela como até agora ninguém cuidou. E, se tivesse que se converter na sombra da jovem, ele o faria para não ter que voltar a ver suas lágrimas.

Essa era a razão pela qual estava ali esta noite enquanto os clãs faziam guarda e se dispersavam entre Birmingham, Black Country e Londres. Ele somente a vigiava. Porque queria vê-la antes que dormisse. Queria perguntar como se sentia, e recordar que não tinha por que viver ali, que tinha sua mansão de Wolverhampton e lá poderiam viver juntos. Mas quando entrou na propriedade e se dirigiu à casa de hóspedes para controlar com seus próprios olhos quem acompanhava Aileen nesse palácio, dois humanos loucos o atacaram pelas costas e o ameaçaram de morte. E se não fosse pela aparição daquela beleza morena de olhos azeviche e pestanas impossíveis, ele já os teria matado.

— Quem... quem é você? — perguntou María engolindo em seco. — Saia daqui agora mesmo ou chamarei a polícia.

As arqueou uma sobrancelha castanha escura e o canto de seu lábio se estirou. Sua barba de cinco dias o fazia parecer um homem perigoso e selvagem. Seus olhos passaram do vermelho ao

verde e assim ficaram, fixos nas curvas e nos quadris daquela mulher que já não era uma juvenzinha, mas sim uma mulher madura, igualmente saborosa e succulenta.

Os dois humanos estavam inconscientes e sabia, graças a seu hiperdesenvolvido olfato, que no interior daquela casa de hóspedes havia no mínimo mais quatro pessoas. Três dessas pessoas, mulheres. E um homem que roncava.

O instinto de As soube que não lhe causariam nenhum problema e relaxou. Levantou as mãos em sinal que estava desarmado e sorriu com desdém. O aroma desse bombom trêmulo o embriagava e fazia que seu sangue subisse sobre a ponte do nariz e suas bochechas viris.

— Não vou machucá-la. — As assegurou a analisando de cima abaixo.

María olhou receosa os corpos inconscientes dos loiríssimos Kev e Duram e deu um passo atrás.

— Não estão mortos. — jurou As impaciente. Bufou. — Sou o avô de Aileen.

— Avô? — perguntou horrorizada ao ver a suposta e saudável juventude desse homem. Lembrou-se de Thor. Também era muito jovem para ter uma filha como Aileen, e seus olhos também mudavam de cor, como aconteceu a esse desconhecido. Esse indivíduo tinha relação com a menina que ela agora cuidava? Fechou o robe azul escuro sobre o peito ao ver que seus olhos se desviavam ao vão entre seus seios. Tinha grunhido? Esse homem tinha grunhido?

— Vim visitá-la. Queria me assegurar de que estava bem. Sei que esta casa é nova para ela e que veio acompanhada por Caleb. É minha neta e venho para protegê-la e me assegurar de que tem tudo o que precisa. — ficou ereto, esperando uma negativa que não chegou.

— Foi por isso que machucou meus dois amigos? — assinalou com o queixo aos mencionados.

— Bonita, pensei que, seria melhor me apresentar antes de entrar. Mas assim que cheguei estes dois loucos se lançaram em cima de mim. Eu só me protegi.

Havia algo nele. Algo que a impelia a confiar em sua palavra. A intuição de María nunca falhou, era uma sacerdotisa e sabia de magia e auras, e a desse intimidante guerreiro não era humana, mas tampouco era uma aura sombria e negativa. Por isso quis testar sua honra.

— Aileen não me falou de você. Ela está dormindo agora, e se é verdade que é quem diz ser, senhor...

— As. As Landin. — inclinou a cabeça para um lado e a comeu com os olhos.

María engoliu em seco e assentiu.

— As... Bem, se é verdade que é quem diz ser, vai embora e esperará até amanhã, até que eu fale com ela. Se, pelo contrário, é mentira e veio machucá-la, terá que passar antes por cima de mim.

As lambeu a presa que lutava por sair. Essa mulher despertava seu animal interior e deixava em guarda seus instintos de um modo que nunca experimentou, e isso o encheu de curiosidade.

— E você quem é? — perguntou se aproximando dela até obrigá-la a levantar a cabeça. Ele era muito alto e ela era tão pequena que se admirou de que não se afastasse dele. Sorriu vaidoso.

— Meu nome é María.

— Tem um sotaque muito bonito...

María franziu o cenho e prendeu o cinto do robe com força. Estava tão nervosa que seus

joelhos tremiam. Esse homem era quase duas cabeças mais alto que ela, tinha mais músculos do que podia abranger e deixou inconsciente a dois de seus amigos, e mesmo assim não o temia. Desprendia um aroma que a tranquilizava e fazia sua pele pinicar. Ela era perita em cura e aromaterapia e seu aroma... seu aroma fazia que sentisse mariposas em seu estômago.

— Obrigada.

— É argentina? — entreabriu os olhos e se aproximou mais dela.

María se sobressaltou.

— Tem um sotaque italiano também.

O queixo dela caiu e não soube o que dizer.

Era verdade. Seu pai era argentino e sua mãe italiana, mas nasceu em terras inglesas.

As não quis dominá-la e deu um passo atrás para não invadir tanto seu espaço, embora surpreendentemente, era isso o que desejava fazer.

— Prazer em conhecê-la. — ele tomou sua mão trêmula e beijou os nós dos seus dedos com doçura, e ao mesmo tempo, com posse.

María cravou seu olhar escuro nesse gesto e vislumbrou a ponta de sua língua a acariciando levemente entre os nódulos, e ao fazê-lo um relâmpago cruzou sua virilha, os mamilos se arrepiaram. Ele se enrijeceu ao perceber seu sabor, ao ver sua repentina excitação por seu toque, e ao inalar seu aroma. Ou partia ou a possuía contra a parede da casa de hóspedes, ou sobre o próprio gramado bem cuidado.

Ela agitou a cabeça aflita e afastou a mão rapidamente para abraçar a si mesma pela cintura. Os nervos a estavam consumindo.

— Boa noite, senhor As.

— As. Só As, bonita.

Por Deus, María se esqueceu de seduzir e de paquerar e aquilo era uma paquera em toda regra. Ficou vermelha como um tomate e agradeceu a pouca luz do jardim.

As fechou os olhos com dissimulação para não assustá-la com o fulgor avermelhado do desejo que brilhava em suas profundezas. Já a assustara muito com sua intromissão.

— Bem. Pergunte a Aileen sobre mim.

— Farei isso. — prometeu María passando os dedos pelo cabelo negro e liso. — Boa noite.

— Boa noite, *kone*.

Com essas palavras As deu meia volta, olhou para a casa em que dormia sua neta tranquilamente, jogou uma última olhada àquela feiticeira, e se foi da propriedade.

Quando ele desapareceu, María cedeu aos tremores e caiu de joelhos sobre a grama úmida e recém-regada pelos aspersores. Kev e Duram estavam despertando, exatamente como seu corpo despertou com apenas um olhar dos olhos mutantes desse homem.

“Kone”. María ficou com o olhar fixo e assombrado na tela do computador. Tirou os elegantes óculos de armação negra que utilizava para não cansar sua vista e passou as mãos pelo rosto para logo voltar a colocá-los. Esse homem, ou o que fosse na realidade, chamou-a de *kone*, e ela só encontrou um significado a essa palavra nos arquivos dos dicionários nórdicos.

Kone. Mulher, no sentido de companheira, de pertencer.

Levantou-se da poltrona da escrivaninha do seu quarto e ficou olhando o imenso e verde jardim da casa. Fazia um momento que Aileen e seus amigos foram a Londres para fazer turismo. Antes que os jovens se fossem ela lhes deu de café da manhã, tortinhas, sucos e o típico breakfast inglês, do qual Ruth disse que era uma espécie de ode à hipertensão e ao ataque cardíaco. Essa menina era uma coisa.

Logo, às escondidas, María levou Aileen e lhe apresentou aos funcionários. Kev e Duram tinham as marcas dos dedos de As na garganta e as cobriram com dois lenços negros. Aileen perguntou sobre seus honorários. María sorriu ao recordar. A bela jovem não entendia que uma mansão como aquela tivesse uma equipe de manutenção de sete pessoas, três delas mulheres idosas. Bom, e não era verdade. Eles pagavam com seus honorários a um serviço da limpeza para que a casa estivesse sempre em condições. Os sete viviam ali e cuidavam daquele lar.

María soltou a tremenda mentira de que as três anciãs eram monjas de clausura. Não eram. Mas ainda era cedo para que soubesse quem elas eram e o que faziam.

A garota as observou com dissimulação, avaliando certamente sua capacidade para se abaixar sem que os quadris quebrassem. María disse que tinham dinheiro mais do que suficiente e que aquela casa era seu lar, que adorava cuidar dela e que estavam mais do que felizes com sua chegada. E a moça também perguntou se tinha marido. Não, ela não tinha marido. Seu amor morreu, ou ao menos morreu para ela.

Depois disso pegou Aileen, e sem ter receio do que pensava, disse:

— Ontem seu avô As veio visitá-la. — apertou as mãos, nervosa.

— Meu avô? — seus olhos lilás arregalaram, incômoda. Logo ao ver o nervosismo da mulher, sorriu olhando-a de soslaio. — É um homem que se conserva muito bem, verdade?

María teve vontade de começar a rir. Aquilo não era se conservar, aquilo era como se esse homem tivesse uma cabine de criogenia por cama. Aileen sabia por que. E ela também. As e Thor eram parecidos e ela não devia temer essas revelações, porque as runas e a Deusa já lhe falaram sobre isso.

“Guerreiros de instintos animais e com aspecto de homens lutam em nosso nome e no da humanidade. As sacerdotisas viverão ao redor deles sem ser conscientes de sua existência. Até que seus caminhos se cruzem, e então deverão ficar do seu lado.”

— Disse se viria outra vez?

— Eu não sabia que tinha um avô aqui, Aileen. Caleb não me disse nada sobre isso e com estas coisas sou incrédula por natureza, menina. Disse a ele que tinha que me assegurar de que era quem dizia ser realmente. Eu nunca o vi na minha vida! — desculpou-se gesticulando como uma italiana e perdendo o porte sereno que a caracterizava. — Enfim, disse a ele que quando eu estivesse convencida de que não me enganava, eu deixaria que viesse vê-la.

Aileen ficou calada e arqueou ambas as sobrancelhas negras.

— Sério? De verdade disse isso a meu avô? Tem que estar com um humor de... cães. — sorriu cúmplice de uma brincadeira interna que somente ela conhecia. — E ele a atendeu? Foi assim, sem mais?

Bom, não foi assim sem mais. Deixou duas baixas pelo caminho, e a ela morrendo de susto e

também com uma sensação de vazio que não experimentou nem sequer com a desilusão de seu ex-marido. Chamou-a de *kone*.

Agora em frente à janela do seu quarto, María saiu de seus pensamentos e estremeceu.

As Landin. Era curioso que aquele homem despertasse algo tão primitivo nela, algo que estava tão morto como esteve sua alma. Entretanto, nessa noite se sentiu viva. Viva de verdade. Não pôde conciliar o sonho. Via seus olhos mutantes, seu cabelo escuro e comprido, aquela barba de uns dias delineada e sua mandíbula viril; seu queixo proeminente e aqueles lábios tão bem perfilados. Estava nocauteada e se sentia como uma adolescente tola e apaixonada que se deixava levar mais pelos hormônios do que pelo bom senso. Mas ela tinha quarenta e dois anos, pelo amor de Deus! Subiu os óculos pela ponte do nariz com o indicador, seu nariz pequeno sempre aprontava com ela. Não perderia a cabeça por um homem que...

— Olá, María.

Zás! Os óculos saíram voando e se chocaram contra a janela. María ficou engasgada pelo susto e levou uma mão ao estômago. Dobrou-se sobre si mesma e logo se ergueu para jogar a cabeça para trás e agarrar ar.

— Pelos Deuses, homem! Quer me matar de medo?! Não sabe bater na porta!? — gritou encarando As com as bochechas vermelhas e o olhar brilhante e faiscante. Empurrou-o ao senti-lo tão perto dela.

As sorriu divertido e a observou com atenção.

— Assustei você?

Ela o olhou como se estivesse louco.

— Se você me assustou?! O que é, um fantasma?! Sabe o que é uma campainha?! Não pode entrar assim nas casas dos outros! Ai, por favor... — apertou a ponte do nariz e fechou os olhos se obrigando a se acalmar. — Vai me dar uma apoplexia. *Sacco di cacca*... — murmurou zangada se abaixando para recolher seus óculos caídos. Quando algo a enervava, tirava seu sotaque italiano e temperamental e não tinha quem a fizesse calar. Penetrou o dedo pela lente direita e franziu o cenho. — *Si è rotta una lente*...

As mordida o interior das bochechas para não começar a rir. Inalou profundamente e se encheu do aroma de jasmim dessa mulher.

— Você me chamou de saco de merda? — agarrou os óculos com seus enormes e morenos dedos. — Comprarei outros para você.

— Não preciso que me compre nada. Sua neta não está. — disse tirando os óculos das mãos dele e colocando-os no decote da elegante camisa branca que tinha desabotoada até o início dos seios. Má ideia, porque isso fez com que ele se obcecasse com seus óculos.

— Falei com ela por telefone. — explicou olhando sua roupa. Essa mulher sabia ser sexy. Calçava uns sapatos de salto negros, uma calça plissada da mesma cor e aquela camisa elegante que caía por cima dos seus quadris e cobria parte desse delicioso traseiro que ele vislumbrou na noite anterior. — Sei que foi com seus amigos a Londres. Não está vestida como uma governanta.

— Não? — levantou uma sobrancelha perigosa e o olhou com desdém. — Está faltando o avental?

— Não. Só que não tem a aparência de uma empregada. — deu uma volta ao seu redor e a

inspecionou.

— Não me ronde como um animal...

— Você merece que a sirvam, bela. — colocou-se diante dela e a olhou nos olhos. — Quem é, María?

Ela deu um passo atrás.

— Sou a governanta de...

— Não. — respondeu ele agarrando uma mecha de seu cabelo negro e o esfregando maravilhado com os dedos.

— Não?

— Não. Viu meus olhos ontem. Não se assustou. Vive aqui com um grupo de pessoas heterogêneas e se faz passar por empregada da casa. É uma mulher especial, eu o vejo a seu redor e preciso saber quem é, porque minha neta estará vivendo aqui contigo e não vou permitir que estejam desprotegidas. Esta era a casa de Thor. Você sabia quem era Thor? Sei que não te escapam os detalhes.

Bom. Pelo visto esse homem queria falar a sério. Mas ela nunca falou a sério sobre quem ela era com ninguém. No passado, a pessoa com quem foi sincera lhe deu as costas e partiu seu coração.

— Eu não tenho aparência de governanta e você não tem aspecto de avô. — um brilho de inteligência cruzou seus olhos azeviche. Não pestanejou e esperou que falasse claramente.

— María. — o semblante de As mudou e seus olhos clarearam e se tornaram amarelos. — Não sei o que sabe, nem o que viu, mas deixe-me dizer a você que posso trazer alguém esta mesma noite para que apague todas suas lembranças e...

— Não! Por que faria isso?! — afastou-se dele assustada. Ninguém se meteria em sua cabeça. A Deusa não permitiria.

— Então me diga quem é para saber se posso confiar em você ou não. Aileen é muito, muito importante para nós. Para mim. É especial.

Sim. Thor não era humano, mas era bom. Caleb e sua irmã, que nunca envelheciam, não eram humanos, mas não eram maus. E Aileen e seus olhos de fantasia não era humana, mas essa menina estava cheia de bondade.

As Landin era muito perigoso, tinha uma força sobrenatural e uns olhos mutantes que transbordavam magia e imortalidade. Não era humano. Mas, era bom? Eles eram os guerreiros que mencionavam as runas, aqueles que se rodeariam de sacerdotisas como ela? Era esse o ponto de inflexão? A chegada de Aileen mudava as coisas e fazia com que todas as peças encaixassem e que todos se reordenassem e reconhecessem para lutar juntos contra o mal?

— Diga, mulher.

Ela ergueu a cabeça e apoiou as mãos nos quadris. Não se intimidaria. Esse homem não a assustava, e se tinha chegado o momento de revelar sua identidade e sua essência o faria com dignidade.

— Sou sacerdotisa. Trabalho com as runas e a natureza e atendo a Deusa. Não o temo, nem temo nada de mágico ou paranormal que possa sacudir nosso mundo, pois é outra realidade com a qual temos que lutar. Minha missão aqui é benevolente. Apenas ajudamos.

As a escutou com atenção, e enquanto lhe explicava tudo seus olhos mudaram para vermelho. Aquela mulher morena o enfeitiçava com sua voz e seu carisma latino. Era tão bela e fina que doía vê-la. Enquanto falava ele desejou abraçá-la e sentir seus lábios se moverem sobre seu peito enquanto continuava contando quem era.

Uma sacerdotisa da deusa Nerthus. Uma mulher que trabalhava para a Terra, para a vida e para o bem. Mas essa mulher estava indefesa, porra. Como um grupo de sacerdotisas tão importantes que manejavam a *Runa Wicca* desse modo se exporia assim para serem espreitadas pelos jotuns de Loki?

— E essa é a verdade. — finalizou María. — Somos mulheres sábias e sabemos que na terra há seres como... como você, suponho.

— Como eu? — ronronou.

— Sim. Criados pelos deuses. E há outros malvados que criam o caos e que têm relação com o maligno, o Vigarista. — e pestanejou esperando que As mencionasse seu nome, porque não gostava de pronunciá-lo.

As sorriu e assentiu, mais tranquilo e relaxado.

— Loki. — aquela humana sabia do que falava, e embora não estivesse muito claro o que ele era, imaginava que não era nem normal, nem mortal. Bem. Gostava dela. Oh, se gostava. E não queria machucá-la nem tampouco ter que pedir ajuda a algum vanirio para que apagasse suas lembranças. De María e suas sacerdotisas se encarregaria ele. Ele e ninguém mais.

— A mudança em seus olhos é para me intimidar? — perguntou cruzando os braços.

O berserker negou com a cabeça.

— Você quer saber de verdade o que é a mudança em meus olhos? — Como reagiria se soubesse que o vermelho significava que estava morto de desejo por ela? Que seu instinto berserker estava interessado e faminto por sua essência de mulher?

— Claro. Agora gostaria que me explicasse o que são exatamente.

— De acordo. Mas estou com fome.

— Perdão?

— Estou com fome. É a governanta, não é verdade? Sou um convidado. — assinalou contrito. — Não se importará de conversarmos enquanto comemos, não é verdade?

— Quer que te faça a comida?

— Quero que me alimente. — afirmou contundente.

María esteve a ponto de desmaiar. Soou tão primitivo. Era uma ordem de um homem dominante e autoritário. Nada a ver com seu anterior companheiro, todo ouvidos, sempre tão doce e atencioso, até que se assustou e a abandonou. Ela era de sangue quente e sempre quis levar seu ex-marido ao limite, mas nunca conseguia. Ele sempre fugia das brigas. E agora... diante de As, seu corpo despertou e se sentiu estimulada pelo olhar vermelho daquele berserker, tão diferente de Luka. Luka fugiu como um covarde, mas tinha a sensação de que As não era assim. Para começar, esse homem não era humano.

— Caleb é um vanirio. — Disse As desfrutando da omelete com verduras, das batatas ao forno e da salada com mussarela que María preparou em um instante. — Sou um berserker, o líder do clã de Wolverhampton. E minha neta Aileen é uma híbrida. Somos os guerreiros de Odín e

de Freyja e estamos na terra para proteger os humanos de Loki. Durante muito tempo os clãs de vanirios e berserkers foram inimigos. Não nos falávamos, nós nos considerávamos inimigos. Mas a chegada de Aileen mudou tudo. Ela é o resultado da união de Thor, o anterior líder dos vanirios de Black Country, com minha filha Jade, uma berserker.

María lambeu os lábios secos. O coração ia a mil por hora. Durante quanto tempo desejara que alguém falasse com ela desse modo? Que lhe transmitisse abertamente essa realidade sem ter que adivinhar, sem ter que intuir nada? Tanto tempo, que parecia mentira que alguém estivesse lhe dando tanta informação com essa naturalidade e essa segurança como As fazia. A informação, os dados, a história, tudo... apresentou-se na forma de um homem grande e moreno: um líder. Um líder que estava sentado à mesa da cozinha, comendo ao seu lado e apreciando sua companhia. E ela estava desejosa por saber cada vez mais. Amaya, Tea e Dyra iriam desabar quando explicasse o que agora sabia.

— Os vanirios são de Freyja, imagino.

— Sim, bela. — Ronronou sedutor. — Fez o dever de casa.

— Bom, as sacerdotisas são escolhidas pelas nornas. É normal que saiba um pouco sobre seus deuses. Há um livro mágico que está em meu poder e que é legado entre gerações de sacerdotisas do mundo todo. Nessas folhas aparecem por arte de magia as novas sacerdotisas que recebem o batismo. As nornas as desenham ali. Todas saem com túnicas vermelhas e todas são importantes; mulheres que a história e o homem quiseram encobrir. A primeira folha do livro é para nossa deusa Nerthus e sua filha Freyja, elas deram origem a tudo. São como nossas mães, entende?

— Entendo perfeitamente. Você sai nesse livro? Poderia mostrá-lo pra mim? Quero vê-la com túnica vermelha.

— O que? Não. — tomou um gole de vinho e seus olhos negros sorriram formando pequenas ruguinhas nos cantos. — Há dois tipos de sacerdotisas. As humanas e as que a Deusa Mãe inicia e lhes dá o dom da imortalidade, porque seu dom é poderoso e serviria de proteção ao Midgard. Estas são as “constantes”. Eu sou uma matronae — colocou a mão no centro do peito —; uma humana. As matronae servem de apoio às constantes, às sacerdotisas mais poderosas.

As passou o pão pelo prato, levou-o até a boca e ronronou com prazer.

— Eu gosto de como cozinha, matronae.

Ela se levantou e recolheu os pratos com um sorriso de orgulho nos lábios.

— Obrigada. — limpou os pratos e os colocou na lava-louça. Virou-se e com a taça de vinho na mão perguntou: — Vai querer um café?

As inalou e apoiou as mãos na mesa para se levantar devagar e se dirigir em dois passos até María. Essa mulher o deixava louco. Seu aroma afrodisíaco o deixava ereto e devia se esforçar em esconder seu estado de excitação. E bem sabiam os deuses que não era fácil. Estirou o pulôver negro de pescoço alto para baixo e ajeitou a calça jeans azul escura.

— Não vou querer café. Não vai me perguntar outra vez pelos meus olhos, bela? Já disse que Odín outorgou aos berserkers genes de lobo. Não nos convertemos em animais, nem muito menos, mas somos agressivos e, além disso, nós nos desenvolvemos muito. Nosso cabelo cresce. — divertiu-se ao ver o olhar que jogava María ao seu cabelo castanho escuro.

— Você o corta?

— Sim, mas não muito. Gosto do meu cabelo, uma mulher pode se agarrar a ele enquanto a possuo.

María engoliu em seco e com mão trêmula deixou a taça de vinho tinto sobre a bancada.

— Enquanto a possui? Que modo de falar é esse? — pôs-se a rir a ponto de ter uma crise histérica. Suas mãos coçavam, precisava tocá-lo urgentemente. O que acontecia com ela? Ela sempre soube se controlar. Luka não gostava que falasse mais alto, mas com esse homem, berserker, imortal, avô, o que fosse... sentia-se descontrolada. Com muita dificuldade conseguiu manter uma conversa civilizada com ele tão perto. E esse aroma de almíscar limpo... Saberá ele que o almíscar era afrodisíaco?

— Sente vergonha que fale com você assim? — perguntou As, prendendo-a contra a bancada e a encarcerando com uma mão de cada lado de seus quadris.

Ela não estava acostumada a falar tão abertamente sobre sexo com um homem. Não recordava como era o jogo da sedução, e nem podia confiar e se entregar ao líder do clã berserker de Wolverhampton assim, sem mais nem menos.

— Não... não sei.

— Sim, María. — inclinou-se sobre sua orelha e sussurrou: — Uma mulher pode se agarrar no meu cabelo enquanto me coloco dentro dela, tão dentro quanto seu corpo me deixar. E enquanto faço isso, ela me segura e olha meus olhos vermelhos para que saiba que morro por ela, que me queimo por ela. Por minha *kone*.

Olhos vermelhos. María abriu os seu azeviche e se obrigou a encará-lo.

— Ontem a noite vius meus olhos vermelhos quando a olhei, não é?

Ela assentiu.

— O que acha que significa isso?

— Que estavam irritados. — replicou ela de maneira insensata.

As soltou uma gargalhada e negou com a cabeça enquanto acariciava seu quadril com a palma de sua mão quente.

— Quantos anos tem? Trinta e cinco? Trinta e seis? Já não é uma menina. É uma mulher e sábia. E as sábias sabem tudo. Sabe o que sou e se sua intuição não falha, tem que sentir as correntes de tensão sexual que açoitam esta cozinha desde que entramos. Desejo você, María.

Quantos anos disse que tinha? “Obrigada, deuses. Obrigada por me enviar um homem cego”. As tirou sete anos dela e ficou toda cheia de si.

— Quantos anos você tem?

— Dois mil e quinhentos ou talvez um pouco mais... — estava brincando com ela.

María cobriu a boca com as mãos e apoiou a testa em seu peito.

— Quanto aparento fisicamente? — perguntou As se sentindo a vontade com ela. Com seu calor, com seu aroma e com sua voz.

— Quarenta e cinco. — respondeu ela, tentando proteger sua aposta. — E me lembra Leônidas. O personagem do filme *300*, só que você tem o cabelo mais longo e a barba mais curta e não tão espessa. Mas se parece com ele. — Sim. Esse homem era tão atraente e grosseiro quanto Gerard Butler. Quando levantou a cabeça de novo, os olhos vermelhos de As estavam

concentrados em sua boca e não piscavam.

— Tem medo de mim, bela?

Ela assentiu lentamente e estremeceu quando a mão do berserker levantou seu queixo com delicadeza. Bela em italiano...

— Só me deixe comprovar algo. Quero me assegurar de que é minha de verdade.

— Sua? Como sua? Eu não sou...

— Shhh. — passou o polegar por seu lábio inferior e o esfregou suavemente. — Não tema isso. Pode ter medo de muitas coisas, mas não disso. Encontrei você, finalmente. Não se assuste do que desperta em mim, María. — seus olhos vermelhos clarearam e se inclinou para sua boca para roçar seus lábios com os dele. — Nunca a machucaria.

O beijo de As foi avassalador e terno ao mesmo tempo. Colocou-lhe a língua e acariciou a sua com suavidade e também com insistência. Seus lábios se uniram e suas bocas ficaram grudadas como ventosas. Ele rugiu e ela gemeu. Levantou suas mãos até colocá-las em cima do seu peito e aí se agarrou a seu pulôver negro. Queria arranhar, gritar, possuir esse homem e lutar com ele. Queria se entregar à aventura, atirar-se sem paraquedas e liberar esse espírito indomável que sempre deixou de lado e escondeu, como se essa parte não fosse dela.

“Nunca a machucaria”, prometera Luka. Sim, seu ex-marido também dissera coisas bonitas, muitas palavras cheias de promessas vãs que logo não cumpriu. Ela sacrificou tudo por amor, contara seu segredo mais prezado e se mostrou exatamente como era, e o que Luka fez? Fugiu. Partiu. Tratou-a como louca, humilhou-a e a deixou de lado. Ela entregou tudo por amor e tinha recebido dor e rejeição em troca.

Recordar esse acontecimento a levou a pensar que esse homem enorme que a beijava com tanta dedicação podia se converter em outro Luka, e ela já sobrevivera a um homem cínico, não pensava sobreviver a outro mais, porque As Landin era muito mais em todos os aspectos que Luka Treponne.

María o empurrou pelo peito para afastá-lo, estava decidida a afastá-lo, mas As não se moveu nem um pouquinho, e não só não deixou de beijá-la, mas sim a mordeu no lábio inferior como um cão raivoso, apertou sua virilha em seu estômago e deixou de atender a seus lábios para descer ao ponto no qual o pescoço e o ombro se uniam. Mordeu-a ali com força.

Ela se assustou ao sentir tanta potência em um homem e lutou para marcar distância. Estava-a mordendo!

A dentada ardia, mas era... era tão bom. Agora As a lambia e acalmava a ardência. Levantou a cabeça de novo e voltou a beijá-la. María se zangou ao ver que ele não respondia a suas tentativas por afastá-lo e decidiu ficar muito quieta, fria e rígida, e não responder mais ao beijo.

Quando o berserker sentiu que os lábios inchados e suaves daquela mulher já não se moviam, afastou-se ligeiramente para olhá-la no rosto. O que acontecia? O que estava errado? Ela o desejava. Cheirava isso, cheirava sua excitação. Essa fêmea estava se preparando para ele. E María não podia imaginar o esforço que fizera para dar um passo à frente e ir até ela.

Sua esposa e filha tinham morrido, estava muito melhor sem emoções e não precisava de outro corpinho quente e vivo como o dessa feiticeira para que voltasse a pulsar seu coração, e com tudo isso, jogou suas reservas de lado e a reivindicou com esse beijo arrebatador. María era



sua *kone*. Sua *kone* real, a única com quem podia compartilhar o *chi* naturalmente sem se forçar a isso. Os berserkers podiam ter esposas, mulheres às que amavam e respeitavam, mas havia apenas uma *kone* para cada alma de guerreiro. Uma mulher única, cujo *chi*, cuja energia vital, estava predestinada a um único homem. Alguns tinham a sorte de encontrá-la. Outros, depois de procurar muito, simplesmente se emparelhavam e se respeitavam e amavam o máximo que podiam.

Stephenie fora sua mulher e As a amou muito, mas não era sua *kone*.

O instinto berserker o estava avisando que María sim o era, e o estava pressionando a fazê-la sua. Mas aquela bela sacerdotisa estava morta de medo e tremia. Além disso, seu corpo tinha deixado de estar receptivo e se esfriava algumas vezes. E odiava vê-la assim. María era quente, não um pedaço de gelo.

As deu um passo atrás e se afastou dela.

— Fiz algo errado? — perguntou sério.

María secou os lábios com o dorso da mão e escutou a recriminação no rouco grunhido de As. Ofendeu-se.

— Isto não pode voltar a acontecer. Demonstrei que não sou sua.

As deixou escapar o ar através dos dentes e sorriu com malícia.

— Acredita nisso? — aproximou-se dela e abotoou o primeiro botão de sua camisa para que cobrisse a marca que deixara em seu pescoço. Sua marca. Sua. — Eu senti exatamente o contrário, *kone*. Não sei o que teme, mas seja o que for não tem nada a ver conosco.

— Não há um nós. — respondeu compungida. Por que lhe doía que ele deixasse de tocá-la?

— Sim, há, bela. Torne as coisas um pouco mais fáceis para nós e me reconheça. — deu um beijinho no nariz dela, pegou uma maçã da terrina de frutas e saiu da casa assobiando como um adolescente, com uma enorme ereção e deixando María com os joelhos tremendo e o coração disparado. — Esta noite virei te visitar e ver minha neta.

María esfregou o nariz que ele fez cócegas e fechou os olhos com desespero.

Onde estava se metendo?

Capítulo 2

Já era a segunda ducha fria que estava tomando essa noite. Jantou muito pouco, não tinha apetite. Bom, tinha apetite sim, mas não de coisas meramente comestíveis. A verdade era que não deixava de pensar em As. Esse homem fez algo com ela. A marca que tinha no pescoço ardia, queimava e se a costura do robe de seda vermelha que usava a roçasse casualmente, seu sexo palpitava e se contraía como se fosse ter um orgasmo demolidor.

María tinha sangue de duas culturas muito temperamentais e explosivas. A ítalo-argentina que tinha dentro mataria esse berserker pelo que fez. Tinha que falar seriamente com ele para que tirasse essa chupada, esse sinal que tinha na pele. Ela não era uma vaca que ele podia marcar

como algo de sua propriedade, droga. Olhou seu relógio e suspirou.

Pra piorar, Aileen não estava. Já eram dez da noite e não recebeu nenhuma chamada dela para que dissesse se estava bem ou não. Igor chegou há alguns momentos com a limusine e disse que estavam no *The Qween Arms*, que ficaram ali com o Caleb e os seus.

As tinha que receber isso como um chute no traseiro. Sorriu malignamente. Que sua neta estivesse tão profundamente apaixonada por esse homem vanirio era como repetir a história de sua filha Jade com Thor. As explicara tudo e ela escutara com atenção cada palavra. Não queria perder nem um detalhe dessa história fascinante.

Jade deve ter sido bela, pensou. Com os olhos verdes de seu pai e esses traços tão felinos... As deve tê-la amado muito, a ela e a sua mulher. Perdê-las deve tê-lo destroçado. Uma onda de empatia por ele a percorreu. As histórias desses guerreiros podiam ser muito dilaceradoras. O que não teriam visto em sua imortalidade? O que não teriam vivido? Quanto chegaram a amar? E o que mais a consumia desde que explicou tudo, ainda amava Stephenie? Um homem não podia se esquecer de sua mulher assim sem mais nem menos, mas esse berserker a chamara de *kone* e a observou, marcou e beijou como se morresse por ela. Em seus quarenta e dois anos ninguém jamais comeu seus lábios daquele modo tão enlouquecedor. Aquele foi um beijo de punição, porque uma vez dado, nunca voltaria a ser a mesma, e sempre suplicaria por mais. Como estava agora. Desejosa e temerosa de ver esse homem de novo.

Não o queria por perto. Absolutamente. Estava morta de medo por tudo o que despertou em seu interior quando estiveram juntos na cozinha, e María não podia se dar ao luxo de amar nem de desejar os cuidados de um homem outra vez. Não assim. E muito menos de um que era mais animal do que humano.

Tea, Dyra e Amaya disseram que já era hora de se liberar e de deixar o passado pra trás. Aileen comentou que era muito bonita e jovem para estar solteira. Ela não se considerava nem uma coisa nem a outra, embora se esforçasse para estar sempre bem fisicamente e se encontrar a vontade com seu corpo. Mas a dor do passado, o medo de sofrer tinha as garras muito afiadas. E embora compartilhar a mesa com As durante tanto momento, presenciar seus olhares ardentes e sua educação cavalheiresca e ao mesmo tempo dominante para com ela, acendera seu sangue e despertara sua vontade de ser seduzida e de seduzir. Uma mulher, rechaçada como ela foi, exibiria sempre as cicatrizes do despeito e da traição.

— Esta casa tem um sistema de alarmes de fazer rir. — disse aquela voz viril que a deixava arrepiada.

María arregalou os olhos, levou a mão ao coração disparado e se virou com uma inclinação brusca para encarar o jovem avô de Aileen, que estava sentado sobre sua cama com os cotovelos apoiados no colchão e semiestendido como um leão preguiçoso, lançando a ela olhares divertidos. Vestia-se como um motoqueiro, em vez de como um avô, que afinal de contas, era o que ele era, só que sua velhice estava embutida em um corpo enorme de viking, com uns músculos de tirar os sentidos e um olhar inteligente e verde que a deixava louca. María se frustrou ao reagir assim, tirou uma de suas sandálias brancas de algodão e a jogou na sua cabeça.

— Droga! — gritou furiosa e o assinalando com o dedo indicador. — Quer me matar?! Não pode entrar assim e me dar estes sustos!

— Sinto muito. — olhou-a de cima abaixo, admirando o robe vermelho com estampados orientais de garças que contornavam seus seios e sua cintura. — *Che tessuto è?*

María deteve o derrame de palavras, apertou a mandíbula e entreabriu os olhos. As falava italiano. Claro. E queria saber realmente de que tipo de tecido o robe era feito? E por que parecia tão preocupado?

— É seda. — levou a mão ao pescoço, justo onde tinha a marca. — Que diabos faz aqui? Este é o meu quarto.

— Vim porque Noah e Adam me chamaram urgentemente. Houve problemas no The Queen Arms. — ofereceu a sandália que jogou nele e María a aceitou com gesto alarmado.

— Problemas? — perguntou assustada colocando-a de novo no pé. — Que tipo de problemas?

— Alguém os atacou.

— Oh, Deus. — levou uma mão à boca. — E Aileen e seus amigos?

— Foi Isso que vim averiguar. Aileen não está aqui, não é? — perguntou com obviedade, sabendo qual era a resposta exata a essa pergunta e não o agradando totalmente.

— Não.

— Informaram-me que Ruth e Gabriel saíram com a irmã de Caleb. Aileen estava bem, não fizeram nada, mas foram atrás dela, porra. — grunhiu com voz assassina. — Vanirios e berserkers trabalharam juntos pela primeira vez, sabe? Ver para crer. — murmurou surpreso. — Pensava que Aileen viria aqui para descansar... — grunhiu mal-humorado. — E se não fez isso, já sei com quem se foi. — esfregou a nuca.

E María também.

— Está com Caleb. — estudou a reação relevante dele.

— Sim. — levantou a cabeça e a olhou suplicante: — *Vuoi fare due passi?*

— Com você? Um passeio com você? — olhou o robe e as sandálias. — Não saio com cães mordedores. — espetou deixando claro o quanto estava irritada com sua marca.

As se levantou e se aproximou dela. Não se atrevia a tocá-la, porque se o fizesse nunca poderia soltá-la de novo, e a última coisa que queria era assustá-la outra vez. Ela sentiu a paixão vulcânica entre eles, era uma mulher inteligente e as mulheres inteligentes temiam o descontrole e o caos. Magoaram María e estava insegura e desconfiada. As sabia que não era fácil fazê-la entender o que ambos eram um para o outro, mas essa mulher devia escutá-lo. Em duas noites seria lua cheia, María era sua *kone* de verdade, a única para ele e viria procurá-la. Mas não deveria temê-lo. Se conversassem e dessem uma volta e o visse menos ameaçador, talvez estivesse disposta a escutar e aceitar uma relação entre eles. O problema era que As esqueceu de como seduzir e sua natureza berserker era egoísta e impaciente, e estava arranhando sua pele como um cachorrinho desejoso de brincar com María.

— Deixei-me levar. — disse solenemente. — Não prometo que não voltará a acontecer — decidiu ser sincero a enganá-la —, mas farei o possível para me conter.

— Essa frase não é completamente tranquilizadora. — apoiou as mãos nos quadris e para sua surpresa e humilhação, em vez de brigar com ele se rendeu ao seu olhar desejoso e se desesperou. A marca ardia. Como mulher era fraca. Muito fraca. Mãe do amor formoso, As estava

ali porque queria falar com ela. Precisava falar do que estava acontecendo, e sem conhecê-la muito, veio de novo até ela, para matá-la de susto e se abrir, como fez na cozinha ao meio dia. O que podia perder além da prudência? Quem entra na água é para se molhar. — Quero que saia do meu quarto e me espere lá embaixo. Estarei lá em cinco minutos.

Como foi fácil. O berserker obedeceu como um bom menino e a esperou de braços cruzados, apoiado na porta do passageiro do seu Hummer prateado.

María se arrumou. Tinha o cabelo longo solto, brincos de argola e um vestido da mesma cor que seus olhos azeviche. Pintou os lábios suculentos com uma cor marrom avermelhada e se maquiou com uma sombra de olhos de cor terrosa, que dotava seu olhar de feitiço e exotismo. As se sentiu orgulhoso ao vê-la porque não só era uma beleza, era uma beleza que queria ficar bonita para ele, e ele era seu *mann*. Ele era seu homem e essa noite resolveria qualquer dúvida antes de dar o passo definitivo, que faria que ela fugisse apavorada ou que aceitasse ficar com ele.

Para surpresa da María, percebeu que As jogava por terra cada uma das reservas que pusera para não ter nada a ver com ele. Era um homem muito falante. Tinha uma voz que adorava, profunda e ao mesmo tempo tranquilizadora. Era um conversador sensacional. Sabia de tudo, podia falar sobre qualquer coisa com ele e María amava conversar da vida, da música, da comida e das culturas ancestrais.

Às vezes As sorria para ela quando adotava um tom mais desenvolto à conversa e falavam de seus gostos superficiais; mas se desse uma opinião sincera e relevante, sempre a olhava nos olhos, e ela rapidamente tinha que afastar o olhar. Que Deus abençoasse a base de maquiagem que fazia que não se notasse que estava vermelha como um tomate.

Mas o pior era observar como aquele guerreiro cravava seus olhos esmeralda na marca de seu pescoço. Fazia com que se sentisse orgulhosa e ao mesmo tempo, uma doente um tanto esquizofrênica, porque essa mesma tarde o estava amaldiçoando precisamente por isso.

Depois de caminhar pelo Kensington Palace Gardens, o apetite de ambos despertou.

— Tem fome, *kone*? — Havia-lhe dito.

— Ouça — María ficava nervosa quando a chamava assim, e para não lutar com isso nem com seu olhar, prendeu as pontas da caxemira —, não sei por que me chama assim, mas não é...

As entrelaçou os dedos com os dela e de um empurrãozinho a convidou a segui-lo.

— Você se preocupa muito. — cortou — Conheço um italiano aqui perto, mas iremos de carro. Eu te convido para jantar e você me recomenda seus pratos favoritos, *d' accordo* bela?

María sorriu, e não sem temor, observou como a enorme mão de As engolia a sua. Era avassalador e ela nunca soube nadar contra a corrente.

— Bajulador.

Jantaram no Pappagallo, um restaurante italiano localizado em Curzon Street. O ambiente era íntimo e acolhedor. Simples, mas ao mesmo tempo convidava a relaxar e a comer. As retirou a cadeira como um *gentleman* para que ela se sentasse.

María jogou uma olhada ao cardápio, sob a atenta e entretida inspeção daquele homem. Encantava-o ver como mordida o lábio inferior ao ler os pratos.

— Diga: o que me aconselha? — perguntou As.

— Vejamos... *Asparagi con rucola Parmigiano, uovo bollito e tartuto nero*. Vamos dividir,

certo? — perguntou María por cima do cardápio, embora fosse mais uma ordem indireta. — E de segundo vou pedir um *risotto ai funghi*.

— O mesmo para mim. — As tirou o cardápio dela e pediu ao garçom que trouxesse o que María escolheu, tudo acompanhado com um vinho branco espumante.

Enquanto beliscavam os aspargos gratinados com ovo, trufa e parmesão, María não hesitou em crivá-lo de perguntas. O mundo daquele homem era completamente novo para ela. Ele era, surpreendentemente, um desses tipos de seres dos quais as runas falaram, guerreiros criados pelos deuses para proteger a humanidade. E as sacerdotisas da Deusa sempre estariam ao seu redor de um modo inconsciente, porque eram energias que se atraíam e que deveriam trabalhar juntas. Por isso ela estava ali. Essa era sua missão. Ela vivia na casa de um vanirio que lutava contra o mal e contra essa organização de humanos liderados por Loki, chamada Newscientist. Thor se apaixonou contra todo prognóstico e toda recomendação por uma berserker chamada Jade e tiveram uma menina híbrida chamada Aileen, a qual agora vivia na casa com ela. E nesse momento estava jantando com o que se supunha era o avô da híbrida, As.

A vida era maravilhosa e imprevisível.

— Não é por acaso que as sacerdotisas da Deusa estejam tão perto de nós. Cedo ou tarde você e eu nos conheceríamos, não é? — espetou As.

— Só as nornas sabem disso. — assumiu María brincando com a base de sua taça de vinho. — Mas sim, suponho que sim. As runas nos avisaram da mudança que procederia com a chegada de sua neta. Dizem que ela é o ponto de inflexão.

As apoiou o queixo sobre seus dedos entrelaçados.

— Aileen mudou muitas coisas, sim. Sua chegada transtornou nossa maneira de pensar e nos ativou para que comecemos a trabalhar juntos. Precisamos dessa cooperação ou não sairemos vivos perante o que se aproxima.

— Teme que Aileen esteja com Caleb nesse instante.

— Não quero pensar nisso. Se tiver que ser assim, não posso fazer nada. A vinculação dos vanirios é inquebrável se forem *cáraids* de verdade. Separá-los os matariam.

— Sei... e a vinculação dos berserkers é assim forte?

Os olhos de As se obscureceram e adquiriram progressivamente uma cor mais avermelhada.

— Quer que falemos de como nos unimos?

María começava a ter calor de novo. Esfregou a marca do pescoço e As segurou seu pulso, fez que pusesse a mão sobre a mesa, virou-a e acariciou o interior com o polegar, com um ritmo cadente e rítmico.

— Não a toque. É pior.

— Por que me mordeu? — grunhiu ela, zangada e muito irritada com a sensação de palpitação entre as pernas. Tentou retirar a mão, mas ele a impediu.

— Precisava. — explicou ele. — María, gosto de você. É algo mais que isso e não quero te atemorizar, mas...

— Explique isso. Já sou grandinha e não temo ao lobo feroz.

As se pôs a rir e se sentiu orgulhoso de sua companhia.

— Marquei-a para que todos saibam que é... minha. — deu de ombros como se o que tivesse

feito não fosse nem um pouco ofensivo.

— É assim que fazem? — expôs ela ofendida, limpando os cantos dos lábios com a ponta do guardanapo. — Marcam a suas conquistas como se fossem animais comestíveis? O que acreditam que são? Pecuaristas?

— Não. Marcamos nossas mulheres para que ninguém se atreva a pôr nunca uma mão sobre elas. Nós não gostamos que ninguém coma do nosso prato.

María se horrorizou ao sentir que aquilo a fazia se sentir valiosa e adorada, de uma maneira um pouco possessiva e doentia, mas terna. Carregava a marca de As em seu corpo.

— Meu corpo é meu. Deveria ter me pedido permissão para me fazer algo assim. E agora? Isto é permanente?

— Não. — mentiu ele com um sorriso pirata.

Olharam-se um ao outro e as faíscas saltaram entre eles.

Ambos já eram adultos, líderes em seus respectivos clãs. Ela era uma sacerdotisa e ele um berserker. Ele queria fazer parte dela com todo seu ser. Seu *chi* lhe pertencia, e a ela o dele. Não andaria em círculos.

— Eu também sou adulto e não ando com jogos. Sei o que quero e vou atrás disso.

Ela engoliu em seco e piscou nervosa.

— E o que quer?

A tensão chispou entre eles.

— Todo e cada centímetro do seu corpo. Todo e cada segredo do seu coração. Quero o que é e quem é, e a quero pra mim. Pode assumir isso, *kone*?

María lambeu os lábios. Bom, não podia lutar com tantas emoções porque estava blindada contra isso. Além disso, esse homem já teve mulher, e embora não parecesse, sua lembrança sempre pesaria e sempre existiriam comparações. Stephenie era uma berserker tão bela quanto os de sua raça? Uf, de jeito nenhum! Não estava disposta a perder nesse combate, por isso só arriscaria o justo. Entretanto, sim, aceitava a atração física entre duas pessoas responsáveis que se desejavam. Fazia muitos anos que não se deitava com ninguém e juraria que seu hímem cresceu de novo. Não podia entender nem explicar como se sentia com respeito a As. Não sabia nomear a todo esse redemoinho de sensações internas que agora revoavam em seu estômago e explodiam como se tratasse de foguetes. Mas queria que alguém a tocasse, beijasse, acariciasse... queria essa conexão, esse contato.

Não tinha nada a ver com amor. Uma pessoa não podia se apaixonar de repente, não é? Isso só acontecia nos filmes e nos livros românticos. Mas como, definitivamente, não aconteceria com ela, que era uma quarentona que provou o fel de acreditar no amor de alguém, e a amargura de que partissem seu coração. Era muito difícil se abrir de novo. E não o faria com As porque se desse a mão a esse homem, ele te agarrava o braço todo. Não poderia com ele. Seria louca se ela se abrisse pra ele. Mas o desejava. Droga, como o desejava...

— Deseja-me, As? — perguntou com voz fraca.

Ele ronronou baixinho e inalou sua excitação.

— Não. É mais que desejo, María. — esclareceu formando um punho com sua outra mão livre. Estava tão tenso e tinha o pênis tão duro que não sabia como pôde sentar sem atirar nada

do que havia na mesa. — Não é somente vontade de me deitar com você. É mais que isso.

Interessante. Analisaria essa informação mais tarde.

— Sei que não acredita em minhas palavras. — acrescentou ele — Eu não posso te obrigar a isso, mas por enquanto estou disposto a te dar uma noite memorável.

— Então é memorável, não é? — A italiana sedutora nela despertou. — E o que fazemos aqui jantando?

— Estou te adoçando para que logo possa te comer melhor, bela. — brincou sorrindo e sem abrir muito os lábios, já que as presas começavam a se insinuar atrás deles.

— Pois já estou satisfeita.

— Isto é um ardil para que logo volte a me rejeitar? Porque advirto que não recebo isso bem.

María sorriu e algo se esquentou muito dentro dela quando viu a cara contrita daquele viking maduro de olhos de jade.

— Bom, terá que averiguar. — ela tampouco era tão atrevida para dizer o que era exatamente que queria fazer com ele. — Além disso, já sabe o que dizem: “Sem ardis não há paraíso”.

E estavam metidos totalmente no paraíso. As dirigiu como louco até Kensington Palace, e agora tinha María encostada contra a parede laranja de um dos quartos de hóspedes da mansão vitoriana. María decidiu não ir pra casa de hóspedes porque ali se ouviria tudo, e essa noite ela tinha vontade de gritar o que não tinha gritado em anos. Assim que entraram no amplo quarto As fechou a porta, pegou-a pelos ombros e a atacou. Ela tinha tirado os sapatos de salto com um pontapé; ele tirou sua blusa de lã e ela o liberou de sua jaqueta. As a estava comendo por inteiro. A cama era enorme e bem poderiam ter se estendido ali, mas pareciam muito longe para eles. Tinha-a aprisionada, seu torso estava esmagado contra seus seios e o homem tinha que flexionar as pernas para poder beijá-la como desejava.

Mordeu-lhe o lábio inferior e logo o puxou. María gemeu e enredou os dedos em seu cabelo castanho. A barba de As roçava seu queixo e a estimulava. Sua língua a acalmava de tantas maneiras que não se atrevia a mencionar.

E María se sentia na glória. Queria ser adorada por ele. Desejada.

De repente As a agarrou pela cintura, levantou-a e a obrigou que rodeasse seus quadris. Quando ela o fez, ele a apoiou de novo na parede e pressionou sua pélvis contra o meio de suas pernas, para que María notasse através da calcinha o quanto ele estava duro e inchado.

Ela abriu os olhos assombrada e ele a beijou para tranquilizá-la.

— Assim posso me roçar melhor contra você, *bambina*.

María suspirou, assentiu e rodeou seu pescoço com os braços para aprofundar o beijo. Oh, sim. Assim estava muito melhor. As agarrava suas nádegas e as massageava, abria e fechava os globos enquanto pressionava contra seu sexo, pra cima e pra baixo, ou rodava os quadris, excitando-a até o limite. María estava dura e suave ao mesmo tempo, por toda parte. As não pôde esperar mais, colocou a mão dentro do decote do vestido e abrangeu uma das taças do sutiã.

Deixou de beijá-la e com a respiração agitada, olhou-a com os olhos completamente vermelhos quase pedindo permissão para o que ia fazer. Ela tinha os lábios inchados e úmidos

pelos beijos e disse sim com um sussurro.

As a separou da parede e caminhou com ela para a cama coberta com uma colcha pêssego. Parecia que carregava uma menina, tão diferentes eram suas estaturas. Não podia deixar de tocá-la e quando se sentou no colchão com ela escarranchada em cima dele, sua cabeça desceu para seu mamilo enquanto liberava o seio da constrição do sutiã. Abriu a boca com a língua preparada e engoliu o mamilo maduro e rosa escuro como se tratasse de um sorvete. Isso fez com que María se sobressaltasse, soltasse um gritinho e deixasse de controlar sua própria respiração. Rodeou sua nuca com uma mão e o segurou enquanto ele mamava. As lambia o broto excitado e com a outra mão baixou a outra taça do sutiã e liberou seu outro seio, para prodigalizar os mesmos cuidados.

María se esfregava em cima dele e movia seus quadris pra frente e pra trás. Estava tão acesa... A escura luz da noite iluminava o quarto em que estavam e acariciava os traços selvagens de As, enquanto dava de presente toda sua atenção ao busto de María.

Pela Deusa, esse homem era um prodígio com essa boca. María o afastou de repente e pôs uma mão sobre a clavícula dele para manter distância.

— Não faça isto comigo, *María*. — suplicou As mostrando as presas, temeroso de que o afastasse e o deixasse pela metade.

Ela ficou olhando sua boca com fascinação. Sim, não era humano. Um berserker. E não sabia como faziam amor estes seres, mas morria de vontade de descobrir. Levou as mãos à lateral do vestido e desceu o zíper para que ficasse solto e o pudesse tirar pela cabeça. Ficou de roupa íntima em cima de As, e o berserker entreabriu os olhos com prazer.

— Por Odín. — com as mãos desenhou seu corpo embutido em um conjunto negro transparente, cujos contornos cobriam os lugares mais eróticos. Seus seios estavam fora do sutiã e María se apoiou de novo em seus ombros e se sentou outra vez sobre sua pélvis. — É muito bela. Tem um corpo muito belo.

— Obrigada. — respondeu ela satisfeita. Uma mulher de quarenta e dois anos poderia estar muito em forma se ela se propunha, e se cuidar era um lema de vida desde pequena. Sim, a roupa íntima em seu corpo parecia muito bem.

As levou as mãos ao sutiã e o desabotoou. Em um instante, os dois seios altos e morenos ficaram em frente dele e As teve vontade de mordê-la e comê-la de verdade. Abraçou-a e afundou seu rosto neles para cheirar essa essência afrodisíaca de jasmim.

— Deixe-me vê-lo, vovozinho. — provocou María com um sorriso travesso.

María também começou a trabalhar e desabotoou um a um os botões da camisa dele. Tirou-a pelos ombros e repassou com seus dedos cada um dos músculos que havia nesse torso masculino. Um homem tinha tantos músculos? Aparentemente sim. Meu Deus, As era a imagem da virilidade. Seu peito era avultado, como seus abdominais; os ossos dos quadris marcados e umas pequenas veias que quase saíam das virilhas se escondiam por suas calças.

— Por favor... — sussurrou María beijando cada um de seus mamilos masculinos. — É de verdade. Tão perfeito... — murmurou maravilhada, acariciando seu estômago com sua face. Logo procedeu com o cinto e a calça e se separou dele, somente para tirar a roupa pelos pés e deixá-lo nu. — As, não usa cueca. Não veste cueca? — repetiu sobressaltada. Aquela arma sexual era tão grande que não entendia como podia andar sem algo que o mantivesse no lugar.

— Se você estiver perto, a cueca me aperta e me machuca. — Aproximou-a dele de novo, tirou sua calcinha lentamente, olhando-a nos olhos e depois a sentou em cima dele, como antes. — Está molhada aí embaixo, bela. Sinto seu cheiro.

Era embaraçoso falar tão intimamente sobre algo, mas ao mesmo tempo não podia mentir. Sim, estava tão úmida que parecia que usava lubrificante.

— Faz muito tempo, As. — reconheceu um pouco assustada. — E você é... você é enorme.

As a tocou entre as pernas e comprovou quanto estava preparada para ele. Quente, inchada e suave. Ele a ajudaria a acolhê-lo.

— Não a machucarei.

— Conte isso para outra, bonito. — replicou María franzindo o cenho. Mas logo relaxou e deixou que As a acariciasse entre as pernas. E ele o fez. Tocou-a completamente e a penetrou primeiro com um dedo. A intrusão a incomodou de tão tensa que estava, mas As não permitiu que se afastasse.

— Está bem, *bambina*. Eu cuidarei de você. — ele quase ejaculou ao sentir o quanto apertada e suave essa bela mulher estava por ele. Para ele. Colocou um segundo dedo e os rodou para massagear a musculatura interna. Sim, os berserkers eram grandes fisicamente e, além disso, tinham um bom membro com o que fazer amor com suas fêmeas, mas María era humana, como foi Stephenie. E devia tomar cuidado com ela, porque não queria machucá-la de nenhuma forma. O berserker nele não suportaria que ferisse sua *kone*. — Vou abri-la como uma flor. — colocou um terceiro dedo.

María se ruborizou e apertou os dentes. As estava sendo tão atencioso quanto podia, mas ela era uma mulher inativa, de verdade que não sabia se aquilo caberia.

De repente se viu deitada na cama com esse homem nu sobre ela e que era o dobro do seu tamanho. Ele a beijou enquanto movia os dedos em seu interior, imitando o ato sexual, igual sua língua em sua boca.

María decidiu que não havia melhor abandono que esse. Seria saqueada por um macho dominante, um guerreiro dos deuses; e ela, uma sacerdotisa da Deusa, estava mais do que disposta a receber o castigo.

As retirou os dedos úmidos de sua essência e lhe deu leves carícias superficiais. Agarrou o membro e o lubrificou com sua essência para dirigi-lo a sua entrada. Acariciou-a com ele para se lubrificar e a esfregou entre os lábios vaginais, por seu botão de prazer e logo desceu de novo até sua abertura, onde se meteu lentamente. Abateu-se sobre ela e seus olhos vermelhos a brocaram enquanto seu corpo fazia o mesmo progressivamente entre as pernas.

Ela abriu a boca e cravou as unhas nos seus ombros, não porque a machucasse, mas sim pela intensidade do momento. Era incrível, mas cabia. Estava cabendo. As abria espaço dentro dela e ela pensava que explodiria.

— Diga que está bem. — pediu juntando sua testa à dela.

María não respondeu. Limitou-se a abraçá-lo com força e a forçá-lo a se meter por inteiro. Ardia uma barbaridade, mas seu corpo clamava por mais.

As grunhiu, afundou as presas em sua marca e a devastou.

Ambos fizeram amor freneticamente, sem barreiras nem proibições. María exigia e ele dava.

As pedia e María somente se entregava. Houve um momento em que já não tinham nada mais a dar, esvaziaram-se um no outro.

Os orgasmos se sucederam sem fim, até quase o amanhecer. E o *chi*, a energia vital dos berserkers, chegou pela primeira vez a seu verdadeiro lar, o corpo de María. Ficou lasso sobre ela, como peso morto.

María lutava pra respirar, estava esgotada. Acariciou As, consolando-o. Suas almas se tocaram. Foi fulminante. Ela estava perdida agora. Nunca poderia dizer não a As, nunca poderia afastá-lo depois do que fez com ela. Não pelo sexo, mas sim por tudo o que havia nas entrelinhas desse sexo. Falava de um cuidado eterno, de um amparo único entre companheiros, de um tipo de amor que ela não conhecia. Trocaram algo mais do que seus corpos. O quarto cheirava a almíscar e pensar nesse aroma sempre recordaria As.

As se remexeu inquieto e María percebeu algo nele, uma ligeira mudança de atitude que sua intuição feminina não passou por cima. E isso a assustou, porque agora estava aterrorizada e confusa.

Em uma noite, As jogou por terra tudo o que ela sabia sobre o que pensava que era o amor. Seus anos junto à Luka se puseram em dúvida; o suposto amor que sentiu por ele poderia não significar nada ao lado do que poderia chegar a sentir por um berserker como As, e não sabia como confrontar isso.

O berserker fechou os olhos e a abraçou com força, agradecido por essa entrega e por descobri-la pela primeira vez, mas saber que houve tal aceitação entre eles, que houve uma troca de *chi* tão sublime por sua parte, o fez se sentir muito estranho e indefeso.

Principalmente porque ele foi o único a dar sua energia vital. Ela não.

María afundou seus dedos em seu cabelo e beijou o topo de sua cabeça.

— Não tenho palavras... — sussurrou angustiada.

— Fiquemos assim. Não vamos falar nada. — murmurou sobre seu peito, abraçado a ela.

— É... foi... não sei o que dizer. — Por que não sabia como descrever que tipo de entrega era essa. Não era sexo. Era mais do que isso. E em uma primeira vez com um homem imortal que mal conhecia, como era capaz de se entregar tanto? Como podia se conectar desse modo?

Pelo contrário, As sabia que se fossem companheiros verdadeiros, podiam se entregar um ao outro dessa maneira tão íntima. Ele sim. Ele a amaria eternamente. Precisaria dela a cada dia de sua imortal vida.

— Shhh. — sussurrou se levantando devagar e saindo dela. — Não precisa dizer nada.

Ela ficou fria ao deixar de senti-lo em seu corpo. Queria que a cobrisse de novo e que sussurrasse tolices ao seu ouvido.

— Aonde vai? — María se ergueu sobre os cotovelos, totalmente nua.

— Quer que fique? — alfinetou de repente. Olhou-a por cima do ombro. — Se eu ficar, María, não irei nem esta noite, nem amanhã, nem no futuro. Não penso ir nunca. É minha, compreende isso? Está preparada para isso?

A mulher se cobriu com o lençol e meditou a resposta. Ficar supunha mais intimidade, mais compartilhar, mais vínculos. Mas implicava eternidade e juntos para sempre? Que loucura era essa? Não sabia se estava preparada para ele. O choque de locomotivas que supôs fazer amor com

As deixou-a nocauteada, e já era emoção suficiente.

— Então tá. — respondeu o guerreiro, mais frio do que pretendia, diante do silêncio dela.

As negou com a cabeça e se sentou na cama. Estava decidido a seguir adiante com ela, mas a verdade era que María não lhe deu seu *chi*. E já foi duro o suficiente por essa noite descobrir e verificar que o amor que teve com Stephenie nada tinha a ver com o que sentia por María, para sofrer também ao saber que essa mulher não se abriu a ele como ele a ela. Por que não? O que temia a *matronae*?

— As?

— Diga. — respondeu enquanto vestia a calça e prendia o cinto de costas para ela.

— Está zangado comigo por algo?

As se virou para ela e a encarou enquanto vestia a camisa e a deixava desabotoada.

— Não exatamente, bela. Só me surpreende que não veja o que eu vejo, angustia-me que não aceite isto do mesmo modo que eu.

— Do que está falando? Transamos, não?

— Sim. Mas sabe que tem algo mais do que isso. — assinalou-a com o dedo. — E quer lhe dar as costas. Suponho... suponho que tenho que te dar tempo para que assimile. O problema é que não sou paciente, *bela*.

Ela se enrijeceu um pouco ao descobrir que ele com certeza estava zangado por algo. E por algo relacionado com ela.

— Não sei do que está falando.

— María, olhe para nós. — apontou pra si. — Sou um berserker, um guerreiro de Odín. E você é uma sacerdotisa da Deusa, tem um livro no qual escrevem as nornas e sabe ler as runas. Rodeia-nos a magia, *bela*. E nos encontramos. Ontem você sentiu isso quando me viu pela primeira vez. É uma mulher sensível e nota essas coisas. — sinalizou — Então, o que a faz recuar?

— Não sei ao que se refere. Fizemos sexo e te asseguro que é a segunda pessoa com quem fiz isso. Foi um passo importante para mim. *Va bene così*?

— Não é suficiente. Não para mim. Preciso de você por inteiro, María, é minha *kone*. A *kone* de um berserker é o mais importante para ele, e você está escondida em algum lugar do seu interior, protegendo-se para que não voltem a machucá-la. Magoaram você? Quem fez isso? Foi o primeiro?

— As, não nos conhecemos. Não sabe nada sobre mim. — respondeu ela defensivamente. Não ia falar de Luka com ele.

— Pois me conte. Conte-me quem a machucou. Eu já te contei tudo sobre minha vida.

— Não é verdade. Não sei nada de como se sente, nem de... Por Deus! Eu o conheci faz dois dias! Olhe pra você, quer as coisas imediatamente. — suspirou, sem compreender por que discutiam. — Você também está zangado por algo mais, e não é somente por minhas reservas. Assim, por que não me diz o que te preocupa realmente?

— Esta noite não me deu seu *chi*. — calçou as botas de motoqueiro. — Daqui a duas noites a lua cheia me deixará histérico por você, porque é minha companheira. Virei te buscar e nos uniremos. Saberá o que é o frenesi berserker, e para que eu não a machuque e me sinta bem contigo, preciso saber que compartilha sua essência vital comigo. Quero que me necessite e me dê

de presente isso como fiz com você. Quero seu *chi*.

— O *chi*?

— Sim, é a energia que nos rejuvenesce e nos mantém imortais entre companheiros. Hoje não se abriu para mim. Não me deu isso.

— Scusa? — disse se irritando cada vez mais. O temperamento italiano lhe escapava das mãos, mas a fúria argentina era muito pior. — Como pode dizer que não me abriu a você, se faz um momento estávamos na cama transando como selvagens?!

— Não é somente seu corpo o que reivindico. — tentou manter o controle. — Coloque-se em minhas mãos, María. Se entregue a mim. Explique-me quem te magoou tanto para que uma mulher mágica como você não acredite na magia que existe entre nós.

María afastou o olhar e engoliu em seco. Os olhos umedeceram e se angustiou. Sim, a dor pesava ainda. Mas não estava preparada para falar com As. Porque se explicasse a ele o que aconteceu com Luka, As sempre teria em seu poder o modo de destruí-la, e ainda não sabia confiar nele.

— Não sei por que deveria te contar alguma coisa. — argumentou, atacando-o antes que descobrisse suas feridas. — Transamos e ponto. Não é de repente nem meu melhor amigo, nem o homem da minha vida. Exige coisas que não tenho por que te dar. É o avô de Aileen.

— Sou um berserker, um homem. — disse entre dentes — Seu *mann*.

María pestanejou e pigarreou.

— Em todo caso, não sou a única que tem desconfianças. Está tão assustado quanto eu.

As levantou o queixo e deu um passo atrás.

Sim. Ele também estava assustado, mas pelo menos enfrentaria o medo. Não como ela. A impotência e a dor das palavras que lhe dedicou María formaram redemoinhos em seu estômago e doeram. Deu um passo adiante, seus olhos feridos se tornaram amarelos e mostrou as presas, para logo em seguida dar um rugido de animal descontrolado.

María se cobriu com o lençol e se apoiou no travesseiro da cama.

As passou as mãos pelo cabelo, dirigiu-se ao balcão, abriu as portas mal-humorado e desapareceu da vista de María.

A *matronae* escondeu o rosto entre os joelhos e se odiou por ter dito essas coisas. Ela feriu As?

Capítulo 3

As três anciãs estavam sentadas diante de María na sala de sua casa. A sacerdotisa retorcia as mãos nervosa, olhando as runas que caíam uma a uma sobre a tapeçaria negra. Essa noite não dormiu nada, e se sentia dolorida, irritada e cansada. Não tinha fome, seu apetite foi embora e tinha o estômago encolhido.

Pensar que magoou o líder berserker fazia que se sentisse ruim e má consigo mesma. E agora temia não voltar a vê-lo. E quando pensava nessa possibilidade sentia uma irremediável vontade de chorar, porque a verdade era que nem o cansaço, nem a insônia lhe tirou essa

necessidade de estar entre os braços de As de novo; de escutá-lo, de dar essa oportunidade que ele pedia, de amá-lo.

Já o amava? Não sabia. O certo era que foi uma flechada descomunal o que aconteceu entre eles, mas daí a enlouquecer de amor como uma adolescente atrevida havia uma distância importante, não? No que a convertia?

Por isso pediu às sacerdotisas que lessem as runas para ela. E agora, ao meio dia, estavam reunidas para ver o destino e as dúvidas de María refletidos em umas hastes com inscrições rúnicas.

As runas se liam de forma direita ou invertida, e havia três tipos de lançamentos. De uma, de três ou de cinco.

Faziam três jogadas por ela, já que María, estando no caos emocional no qual se encontrava, podia influenciar subjetivamente na leitura. A questão era que nas três vezes os resultados foram os mesmos.

Dyra entreceirou os olhos escuros e ficou estudando as três runas que jaziam diante dela. As outras duas anciãs que eram muito parecidas, com exceção de suas estaturas, observavam a leitura com atenção.

— Deve tomar uma decisão importante, *matronae*. E é uma decisão iminente. A runa Ehwaz está bem reta, e isso indica uma mudança imediata. Mas há no meio outra runa: trata-se de Uruz — assinalou a runa que parecia um U invertido — e está ao contrário. A decisão que tomar comportará mudanças drásticas em você. Sua vida passada desaparecerá, deverá ser assim. Perderá algo, talvez seja a lembrança de alguém a quem estava ligada emocionalmente. Será algo que terá que sacrificar para sempre porque vem uma nova forma em você. Terá que morrer, María, para receber sua nova vida. — Dyra pigarreou e logo se centrou na runa Fehu, a terceira que estava em posição horizontal e que simulava uma F maiúsculo. — Fehu nos fala de algo que se realiza, de algo que recebemos. Mas dependerá de Uruz, dessa decisão que tem que tomar. Por isso Fehu está na horizontal, nem invertida nem reta. Fehu nos diz que devemos gozar de nossa sorte, compartilhá-la com outros, alimentar a outros. Mas também assinala que não devemos agir com imprudência quando nos deixamos levar pelo êxito daquilo que obtemos. — Dyra esfregou o queixo de bruxa que tinha e levantou o grande olhar para cravá-lo em María. — Isto tem a ver com o avô de Aileen?

María se levantou do sofá e passeou pelo tapete negro e branco que havia no meio da sala. Ali era onde muitas vezes faziam suas sessões de runas, canalizavam e meditavam tudo o que podiam. Inclusive em alguns cantinhos do tapete tinham pequenos pingos de cera que tentaram tirar sem muito êxito.

— Estou muito confusa, irmãs. — reconheceu María, abraçando a si mesma e olhando seus pés nus sobre o tapete.

— Nós acreditamos que chegou o momento. — Tea levantou e a segurou pelos ombros. María fixou seus olhos azeviche no rosto enrugado da anciã. — Tem muito a dar ainda, María. É bonita, inteligente, valente e sábia. O que aconteceu com você foi um engano. Às vezes as mulheres cometem enganos ao confiar em quem não deve.

— Fala de Luka?

— É óbvio. Esse homem amava uma parte de você, María. Mas não toda. Foi um covarde, um homem que não assimilou que sua mulher tinha um papel existencial muito mais importante do que ele tinha. Um homem que temeu ser menos que você.

— Taxou-me de louca, ridicularizou-me e... — Sempre que recordava como a abandonou na mesma noite em que mostrou a ele o livro da Sacerdotisa, doía-lhe o coração.

— Mas nem todos são Luka. Certamente As não se assusta com essas coisas.

— Mas ele me assusta. — justificou-se María.

— Então não se comporte como Luka fez. Gosta desse homem?

Gostava dele? *“Sì, me piace”*. Mas não só gostava. Era como se tivesse penetrado debaixo de sua pele no mesmo instante em que o viu. Na cama funcionaram como uma máquina perfeita, e quando se olhavam nos olhos sentia que As podia ler sua alma. Claro que dava medo.

Quando María ia responder à pergunta, seu instinto respondeu à proximidade de As. Ele estava ali fora. Saiu da casa dos funcionários como uma bala e caminhou apressada pelo jardim.

Sim, As chegara com Aileen nos braços ferida, e Gabriel e Ruth os seguindo com expressão nervosa.

María correu até chegar a eles.

— O que aconteceu? — perguntou analisando as feridas da jovem, e observando horrorizada o torso manchado de sangue de As. — Está ferido?

As negou com a cabeça e sorriu com pesar.

— Não. É tudo de Aileen. Um grupo de lobachos foi à casa de Daanna. Queriam levá-la porque é a irmã de Caleb McKenna para logo trocá-la por Aileen, mas não contavam com que Aileen, Gabriel e Ruth estivessem com ela.

— Nós não fizemos nada. — esclareceu Gabriel. — Aileen matou a todos. — o loiro de cabelo cacheado e alvoroçado se sentia muito orgulhoso de sua amiga. — Não chegou a ser por ela e certamente que não contamos.

— Aileen os exterminou. — finalizou As. — É uma assassina. — acrescentou solene.

— Mas, e onde estava Caleb? Não estavam juntos? — Aileen grunhiu algo sobre o ombro de seu avô e María entendeu somente a última palavra: “porco”. Então compreendeu que brigaram.

— É uma longa história. — disse As. — Vamos entrar.

— Claro. — María se adiantou e abriu a porta de entrada.

Uma vez dentro, As deixou Aileen em seu quarto e a colocou em cima da cama. Gabriel e Ruth ficaram com ela fazendo companhia e o líder berserker os deixou sozinhos. Ao sair do quarto se encontrou com uma María assustada que o olhava fixamente.

— Todo esse sangue é dela? — perguntou tremendo.

— Sim. Mas é uma híbrida, se recuperará.

— Gabriel e Ruth já sabem? Já sabem o que ela é e o que — fez um dramalhão com a mão — o que são?

— Aileen quis assim. Hoje mesmo explicou.

— Eles também vão estar em perigo...

— Sim.

María engoliu em seco e assentiu insegura. Se esse foi o desejo da Aileen, ela mesma teria

que assumir as consequências.

— Este é meu mundo. — confessou As se apoiando na porta. Observou-a com os olhos verdes entreabertos. — É um mundo de guerra, lutas, sangue e... presas. Mas também é um mundo passional, de instintos e de fidelidade aos nossos. Protegemos os humanos e enquanto isso, tentamos viver segundo nossas normas. E nossas normas... — esticou sua camiseta e mostrou as manchas de sangue de sua neta — são estas.

María olhou para a porta e logo agarrou sua mão e o puxou suavemente.

— Venha. Não vamos falar aqui. — sussurrou. As queria colocá-la no seu lugar. Continuava ofendido e queria ressaltar que não era humano e que não se guiava por esses princípios. — Deixa eu preparar algo e vamos falar um pouco de...

— Não tenho fome, María. Tenho o estômago fechado.

Ele também? pensou. Ela tampouco se encontrava bem completamente. De fato, sentia-se desventurada e só queria que ele a abraçasse.

— Estou partindo.

— Já? — perguntou surpresa e visivelmente decepcionada.

— Quero preparar minha equipe, deixar as patrulhas desta noite prontas. Hoje podemos caçar Mikhail e Samael. Aileen interceptou uma chamada a um dos lobachos que os atacaram e fez com que Gabriel se fizesse passar por um deles. Aparentemente, ficaram em The Ivy. Ele os fez acreditar que tinham Daanna e deram as diretrizes pertinentes. Irei até lá com Caleb e os seus, mas deixarei aqui alguns berserkers para que cuidem de vocês. Já não confio em ninguém.

— Não os quero dando voltas pela casa, As. — María não suportaria mais testosterona pululando por seu lar. Se tivessem que cuidar delas, que o fizessem ao redor do jardim. — Preciso de normalidade.

Um músculo começou a palpitar na mandíbula de As.

— É a segurança da minha neta. O que foi, María? Meu mundo é demais para você?

— Não é por isso! Também me preocupo com ela. Aileen é adorável e eu gosto dela. — grunhiu entre dentes, ofendida ante a insinuação de que aquilo era demais para ela. — Mas temos vizinhos, se por acaso não percebeu. E aqui todos se conhecem e muitos dos proprietários das casas desta área são pessoas famosas. De vez em quando há paparazzis pelos arredores, e não podem demonstrar suas habilidades e nem chamar muito a atenção. Acha que não sei que o incidente de Birmingham de ontem à noite que passaram pela televisão, foi por sua disputa? Manipulou os meios e os fez acreditar que foi uma guerra entre tribos urbanas. Mas isso aconteceu em The Queen Arms, e era ali onde estava Aileen e Caleb e todos os outros. Não podem fazer o mesmo aqui, droga. Quantas tribos urbanas acha que há em Kensington Palace? Não há nenhuma, As. Além disso, Gabriel e Ruth vão sair daqui traumatizados e esses garotos não merecem isso agora. Nem tudo tem que ser uma maldita montanha russa de guerras, magia e sangue. Também pode haver normalidade para não levantar suspeitas. — Sabia que estava se zangando porque seus olhos ardiam. E isso acontecia quando o sangue subia à cabeça e às bochechas, como agora. — Se quer vigiar sua neta, traga seus garotos, mas coloque-os protegendo o jardim. Sou a governanta desta casa e sei como funciona.

As lambeu os lábios e analisou o aspecto daquela feiticeira que o deixava louco. Estava

marcando território em nome dos seus. Não havia nada mais adorável e fascinante que uma mulher protegendo seus filhotinhos e sua intimidade. Enterneceu-se e os motivos pelos quais estava zangado e irritado com ela se desvaneceram, volatilizados pelas palavras e a atitude de María. Deu um passo à frente e abrangeu seu delicioso e sexy rosto com as mãos.

— *Bambina...* ouvi-la falar assim faz com que eu tenha ilusões.

María ficou muito quieta e a ofuscação aconteceu. As a tocava e olhava como se fosse comestível. Mas não podia permitir que, sem mais nem menos, esse homem dissesse que não estava preparada para ele. Sabia que deveria tomar uma decisão.

— Tem coisas a fazer. — recordou sem afastar o olhar dele. — Vá, encarregue-se delas e tome cuidado. Ficarei com Aileen. Depois conversaremos.

— Grazie. — As se inclinou para beijá-la, mas nesse momento a porta do quarto se abriu e apareceu por ela uma cabeça com cabelo mogno ondulado; era Ruth.

Ambos se afastaram a tempo, sem saber muito bem por que o faziam, como duas crianças a quem pegaram com as mãos na massa.

— María. — Ruth os olhou surpresa. — Mmm... precisamos de remédios. Talvez pudéssemos dar algo a Aileen para que suporte a dor.

As olhou a humana de soslaio.

— Anti-inflamatórios e analgésicos. — esclareceu a jovem revirando os olhos. Quando As relaxou, Ruth decidiu contra-atacar e acrescentar. — Eu que tomei um remédio forte ontem à noite quando vi enormes homens lobo que queriam me comer e vampiros que voavam pelos céus. E isso não existe, não é, As? — ela sorriu, piscou um olho pra María e fechou a porta.

— Essa garota — murmurou As preocupado — é muito atrevida. Gosto dela, mas me deixa nervoso.

— Sim, mas tem razão. — assegurou María dando meia volta e olhando As por cima do ombro. — Vou tomar conta de Aileen. Você prepare o que tiver que preparar e mate esses *figlio de puttana*. Mas mantenha-se a salvo — disse mais docemente —, *d'acordi?*

Um sorriso de satisfação se desenhou no rosto de As. María tinha que ser sua mulher e faria o que fosse para consegui-la. Somente devia afastar seus medos e receios, porque essa amazona que o afrontou nasceu para ser a *kone* do líder do clã berserker de Wolverhampton.

Durante toda a tarde, María esteve com a Aileen curando, costurando a terrível ferida que tinha no ombro, fruto de uma dentada de lobacho. Enquanto a metia na jacuzzi com essências aromáticas, a híbrida contou todos os problemas que tinha com Caleb. E María se encontrou lhe dando um conselho que não se imaginou oferecendo jamais.

— Caleb precisa de você e você precisa dele. É muito simples.

— Não é.

— Claro que é. — insistiu María. — Não se pode lutar contra o verdadeiro amor. Por ele se arrisca tudo. Tudo. — repetiu pensando em As. Uma vez arriscou tudo por alguém que realmente não a amava, e depois de conhecer As tinha que reconhecer que jamais sentiu essa explosão

sentimental nem essa necessidade por Luka. Talvez o que sentiu por Luka não foi amor, e doía pensar que viveu um erro durante tantos anos. O que tinha certeza era que, se ela se sentia assim a respeito do berserker, não tinha nada a ver com o fato de que ele a marcasse, e pelo contrário, tinha muito a ver com o verdadeiro despertar de seu coração.

— É uma mulher muito estranha. — olhou-a fixamente nos olhos. — O que você é, María? Quem é? Você... sabe coisas.

María explicou o que já sabia e intuía sobre aquele mundo, e deixou claro que não importava o que ela era na realidade, somente a interessava sua bondade de caráter e coração. Aileen disse que ela era um presente e logo, a muito esperta, tentou convencê-la que essa noite ela iria ao The Ivy. Para lutar, nem mais nem menos.

María sabia que a jovem não sairia dessa casa. Não só porque As deixou alguns berserkers vigilando o perímetro, mas sim porque Caleb McKenna falou com ela pessoalmente e disse que reforçaria a segurança com mais alguns vanirios, mas que sob nenhum argumento deixasse Aileen sair.

Quando explicou a garota de olhos lilás o que Caleb dissera a moça ficou histérica, mas não teve alternativa a não ser ceder, relaxar e acatar as ordens, porque todos se preocupavam com ela.

Depois de cuidar um momento de Aileen, a sacerdotisa foi para sua casa e se jogou no sofá, pensando nas runas e em tudo que estava acontecendo com sua nova vida. O Ragnarök estava perto, os sinais eram claros e a vida de todos mudaria radicalmente. Começando pela sua.

Desde que saiu da briga no The Ivy, As desejava ver María. A humana estaria no mesmo lugar ao que se dirigia Caleb, cheio até as sobranças de estimulante e não queria pensar nisso. Não queria pensar em sua neta tendo relações sexuais com um vanirio descontrolado.

Lutando para afastar esses pensamentos, estacionou o Hummer fora da casa de Aileen, deu um salto por cima das grades e saudou todos os guerreiros que estavam ali camuflados, seguindo suas ordens e as de Caleb.

Deixou-se levar pelo aroma de jasmim, o característico de sua *kone*, e seus passos o levaram até a casa dos funcionários. As entrou sem problemas, pois a porta estava aberta.

María se achava estirada no sofá abraçada a uma almofada, e a casa estava submersa em um aprazível silêncio. Somente o abajur do canto da sala permanecia aceso.

As se aproximou dela e ficou olhando. Era um anjo ou uma diaba. Não importava. Era magnética para ele e seria dele. Mas não queria despertá-la agora. Parecia cansada, tinha umas sombras embaixo dos olhos, e se ela se sentia tão mal quanto ele, certamente não teria comido nada o dia todo.

As inalou e procurou o resto do aroma de outros empregados. Foram-se todos, já não estavam ali e queria perguntar por que a deixaram sozinha, mas o faria quando despertasse.

Nesse momento fechou a porta da casa com chave, e com muita doçura e delicadeza, tomou María nos braços. A mulher que continuava adormecida apoiou a cabeça no seu peito de um

modo confiante e terno, e As sorriu comovido. Estirou-se de novo no sofá com ela por cima. Ao menos, podiam estar os dois estirados porque era largo o suficiente e comprido. Recolheu a manta que formou redemoinhos no chão e cobriu a ambos com ela.

María esfregou seu narizinho contra seu peito e os genes de lobo nele fizeram uma festa e brindaram em seu nome.

Abraçou-a, escondeu o nariz no cabelo negro e liso daquela valente mulher e fechou os olhos. Precisavam dormir e descansar. Na noite anterior se deitaram pela primeira vez e ele fugiu zangado porque María não entregou seu *chi*. Belo comportamento para um homem feito como ele.

Chilique de adolescente apaixonado, é o que foi.

Grunhiu e lhe deu todo o calor de sua pele. Não podiam permanecer muito tempo afastados um do outro porque ambos se pertenciam, e isso estava tão claro quanto no dia seguinte haveria lua cheia. E tinha que ter certeza que María o aceitava para poder possuí-la como um berserker toma sua companhia.

María despertou com algo muito quente embaixo dela e um peso estranho que rodeava suas costas. Inalou e a essência almiscarada do homem de quem estava gostando tanto a invadiu. Quando abriu os olhos não pôde ver nada, porque tinha um bíceps esplendidamente desenvolvido que cobria parte de sua cabeça e a aconchegava contra o corpo sólido e duro do berserker. As dormira com ela.

As. Oh, Deus. Alegrava-se. Alegrava-se de vê-lo bem e a salvo. Alegrava-se de que estivesse ali com ela. Temeu por ele. Tinha que pensar que As era um guerreiro que ficava em perigo diariamente ou do contrário ele levaria a mal.

O abraço de As a fazia se sentir querida e cuidada, valorizada e protegida, e saber disso produziu, além de uma doce satisfação, uma terna compaixão por si mesma, porque até então, não soubera o que era esse tipo de ternura em um homem. Jamais amanheceu assim com Luka. E agora o fazia com As, e nem sequer transaram durante a noite.

Era impossível. O efeito que provocava nela era inexplicável para o pouco tempo que fazia que se conheciam, mas não podia negar. A razão dizia que aquilo era um erro, que essas coisas não aconteciam, mas seu corpo e seu coração diziam justamente o contrário: isto é amor, isto é uma flechada e o resto são tolices. Não procure explicações.

Com esse conhecimento se ergueu sobre ele devagarzinho e o beijou na bochecha. A verdade era que gostava de passar as mãos por esse corpo inacabável de membros longos e músculos avultados e marcados, mas não podia estimulá-lo assim de manhã se não fosse se deitar com ele. E não faria isso, por mais vontade que tivesse, porque antes precisava se explicar e falar sobre suas reservas e sobre por que eram infundadas. Não queria despertá-lo, mas segundo seu relógio eram oito da manhã, e esse homem precisaria tomar café da manhã, e ela precisava de toneladas de café, porque queria falar de muitas coisas sem desabar diante dele. A cafeína a ajudaria a segurar a barra.

Foi à cozinha, preparou uma jarra de café e acendeu o forno para esquentar uns pães-doce. Quando estiveram quentes e o café ferveu na cafeteira, retirou-o da jarra e abriu o forno para tirar os pãezinhos. Abriu-os e os recheou com queijo, geleias e patês vegetarianos que ela adorava. Tirou algumas frutas frescas e espremeu seis laranjas manualmente, para não fazer ruído.

Deixou a bandeja com o café da manhã sobre a mesinha de centro que havia diante do sofá, e se estirou em cima de As para lhe dar um beijo de bom dia.

— Mmm... sinto cheiro de jasmim. — ronronou ele penetrando os dedos entre o cabelo dela. Adorava sentir que se enredava em suas mãos.

— Jasmim? — perguntou roçando sua bochecha com os lábios. O café fumegava e os pães-doce ainda estavam muito quentes. A sala inteira cheirava ao delicioso café da manhã e esse homem só podia cheirar a jasmim?

— Você. Você cheira a jasmim. É sua essência, *bela*. Uma essência que me deixa nocauteado.

María teve vontade de saltar sobre o sofá e jogar almofadas, como faria uma criança a quem deram o presente mais maravilhoso de sua vida. Mas em vez de se emocionar, pigarreou e acariciou sua bochecha áspera.

— Como foi a noite?

— Mikhail Ernepo escapou. Maldito sanguessuga... — murmurou entre dentes. — Converteram-no em chupa sangue.

— Isso é horrível.

— Sim. Acreditam que Samael o está alimentando e não continuará fazendo isso, então cedo ou tarde se converterá em um nosferatu recém-nascido. Um perigo. Mas, pelo menos temos Víctor, o suposto médico pessoal que tratou Aileen em Barcelona nesses últimos anos. — olhou seu rosto com atenção e retirou seu cabelo do rosto. — Onde está o resto dos empregados?

— Estava preocupada que acontecesse algo com eles, e disse que tirassem uns dias de folga até que tudo se tranquilizasse.

— Olha sempre pelos outros, não é? E quem faz isso por você, querida?

María não soube o que responder.

— Se me deixar, eu o farei. — piscou um olho. — O berserker cuidará de você.

— Ah... sei... conseguiu dormir um pouco?

— Jamais dormi tão bem. — As se espreguiçou e se ergueu, ficando sentado no sofá. — Preparou o café da manhã pra mim? Ótimo, estou morto de fome. Ontem não comi nada.

— Nem eu.

— Estava triste como eu?

Sem avisar, As a tomou nos braços e a sentou sobre suas pernas. Olhou-a com o rosto meio sonolento e lhe dirigiu um sorriso desses de “transe comigo agora”.

— Me alimente.

— *Scusa?* — María ficou nervosa ao ver como As estendia o braço e colocava a bandeja sobre o braço do sofá para ter tudo mais à mão.

— Os berserkers adoram que suas companheiras os alimentem.

— Que os alimentem como uma criança?

— Ahá. Eu te darei o que você me pedir. — observou a bandeja e agarrou um pão-doce

untado com manteiga e geleia. — Você gosta de doce.

María sorriu hipnotizada pela naturalidade da cena e abriu a boca quando As ofereceu um pedaço de pão-doce. Realmente estava comendo assim? Por que era tudo tão erótico? Adorava! Ela fez o mesmo com ele e entre bocado e bocado, falaram do que acontecia com eles.

— Estava triste porque se zangou comigo, não é?

— Ontem disse algo a você que me caiu muito mal. — explicou ela arrependida. — Minha cabeça razoável continua acreditando que tenho razão, mas assim que disse essas palavras senti que eu mesma me machucava. Isto está me transtornando.

As bebeu a caneca de meio litro de suco de laranja de repente e logo abriu a boca para que lhe desse outro pão-doce.

— Não deve ter medo do nosso relacionamento, María.

— Claro que sim, As. Nunca senti algo assim e tenho medo de me perder e...

— Por ser a companheira de um berserker não quer dizer que deixe de ser você mesma. Não se perderá. Simplesmente se complementará comigo e exploraremos nossas virtudes juntos.

— Mas você já teve uma *kone* antes. E quanto à sua mulher? Não posso me comparar a ela porque...

As ficou todo rígido, mas compreendeu a pergunta e a insegurança de María.

— Não, *bambina*. — grunhiu As — Stephenie era Stephenie, e era uma mulher maravilhosa em muitos sentidos. Ela aceitou ser minha companheira e me deu uma filha que amei com todo meu coração. Mas não era minha *kone* natural. Só há uma em nossas vidas. Uma. — As encostou sua testa à dela e acariciou suas costas com uma de suas enormes mãos. — Olha, quando ela morreu me entristeci muito, porque a morte entre companheiros desfaz o nó da vinculação. A energia que trocava com ela, o *chi*, bloqueou-se. E não poder receber tampouco a sua me afetou. Por isso, os berserkers que perdem os companheiros envelhecem, e alguns inclusive morrem. Porque para nós é muito difícil encontrar a nossa *reflekt*.

— O que é isso?

— Nosso reflexo. Para nós nossa companheira é como nosso reflexo. São os olhos onde nos olhamos.

— E ela não era?

— Ela foi importante pra mim. Foi minha mulher porque eu assim decidi, mas não era minha verdadeira companheira. Perdê-la poderia ter me matado, mas...

— Mas continua aqui.

— Sim. E não só porque sou forte. Continuo aqui porque você pode me salvar. Porque as nornas a puseram no meu caminho. Quando a vi faz três dias, meu *chi* se ativou e minha energia interior ficou outra vez em curso como nunca fez antes.

— Nem sequer com sua mulher?

— Não, nem sequer com ela.

— Amava Stephenie?

— Amava-a sim. Mas de um modo diferente. Respeitava-a e cuidava dela porque era minha companheira e a mãe de minha filha. — acariciou sua bochecha com o polegar.

— Como a conheceu? Era humana?

— Sim. Era humana. Uma noite patrulhando pela Segdley com Noah, Adam e o pai de Adam nos encontramos com um grupo de mulheres que estavam sendo atacadas por vampiros. Stephenie era uma das vítimas. Aquela noite a conheci, e achei-a tão indefesa que decidi cuidar dela. Nesse dia ganhei minha esposa, mas perdi meu melhor amigo, que enlouqueceu porque sua companheira Lillian o abandonou por um berserker chamado Strike. Nimho nem sequer se protegeu quando entrou na luta. Suicidou-se, e o pobre Adam viu tudo.

María cobriu a boca horrorizada pelo relato.

— Em Nimho tem o exemplo do que acontece a um berserker quando é abandonado por sua *kone* e não sabe lidar com isso. Devastaram o coração do pobre homem. E não é para pressioná-la — assegurou com um sorriso travesso —, mas é exatamente o que me aconteceria se você me rejeitasse.

María assimilou suas palavras enquanto sorvia o suco e apreciava a reconfortante massagem que As estava dando nas suas nádegas.

— Então, acredita que sou sua companheira de verdade? Isto é muito precipitado.

— Sim, María. É. Não há engano possível nesta afirmação. Sinto aqui. — levou sua mão e a colocou no centro do seu peito. — Por isso ontem, em parte, retraí-me um pouco ao me dar conta disso. Não foi só porque não me deu seu *chi*. Eu me senti sujo por manchar a lembrança de Stephenie desse modo, por compará-las. Não deveria ter feito.

— Sentiu-se mal por... me desejar?

Ele assentiu e a abraçou com força. Não só a desejava. Amava-a. Ela fazia falta em sua vida.

— Enganei a mim mesmo e a enganei. Eu me autoconvenci de que Stephenie era minha companheira e...

— Não diga isso, As. — ela o repreendeu. — Nunca a enganou. Cuidou dela e deu sempre o melhor de você, não é verdade?

— Sim.

— Então foi um marido maravilhoso. Um homem como é devido. Não há nada que o reprove. E tenho certeza que Stephenie tampouco queria isso.

Ficaram em silêncio um longo momento abraçados. Acalmando-se com carícias, mas sem falar nenhuma palavra, até que o berserker ordenou mais do que perguntou:

— Conte-me quem foi o cretino que a machucou tanto, María.

Ela sorriu com tristeza e ficou com o olhar perdido. Se ele se abriu, ela também o faria. Era o justo.

— Meu ex-marido, Luka.

A tensão percorreu o corpo de As e desejou gritar por não ter sido o primeiro em tudo para essa mulher, porque ele nunca teria permitido que ela derramasse uma só lágrima por sua culpa. Por que não se conheceram antes?

— Conte-me, por favor.

— Eu o amava com todo meu coração. Ou pelo menos era o que acreditava. — corrigiu-se confusa. — Estávamos bem casados. Vivemos uma temporada na Argentina e logo estivemos na Itália. Ele se dedicava a bolsa, e eu tinha um pequeno negócio de hotelaria a domicílio. Mas era um disfarce para mim. Sou sacerdotisa da Deusa — reivindicou —, mas ele não sabia. Minha

família é descendente de um longo ramo de sacerdotisas matronas. — disse com orgulho. — Eu sempre estive em contato com todos os grupos de sacerdotisas ao redor do mundo.

— Você é a líder das sacerdotisas. — ele concordou. — Organiza a todas.

— Algo parecido. — disse ela.

— E o que aconteceu para que o imbecil a ferisse?

María se pôs a rir ao ouvir o veneno nada dissimulado de As nessas palavras.

— Uma noite, depois de fazer amor...

— Muitos detalhes. — cortou-a entre dentes.

— Bom, tá... Disse a ele quem era porque não queria que houvesse segredos entre nós.

Mostrei-lhe o livro, mostrei as imagens, meu peculiar dom de ler as runas e às vezes de ler o pensamento...

— É telepata, María? — perguntou assombrado.

— Não exatamente. Apenas em pouquíssimas ocasiões. Às vezes, quando alguém precisa de ajuda e me chama, eu posso ouvir. — deu de ombros sem dar importância ao assunto. — A questão é que me abri a Luka e nessa mesma noite ele me abandonou. Fez as malas mais rápido que um corredor, olhou nos meus olhos e me disse que não estava à sua altura, que não queria ao seu lado uma mulher que acreditasse em fantasia e que estava mal da cabeça; que se envergonhava de mim e que menos mal que não soltei nenhuma dessas pérolas quando estava com sua família, porque teria sido o bobo de todos. — Era inevitável. Falava de Luka e a ferida se abria e começava a chorar. Mas secou as lágrimas rapidamente. — É por isso que tenho medo, As. Tenho medo de confiar em você e que use algo contra mim que possa me ferir. Tenho medo de ter estes pontos fracos e que você saiba. Mal nos conhecemos e não sei como é, mas não estou tão louca para evitar o que sinto nem para ignorar o caudal de energia que há entre você e eu... mas mesmo assim, morro de medo. Por isso não me entreguei completamente na noite passada. — finalizou fungando.

— Isso explica por que não me deu seu *chi, bella mia*. — Levantou seu queixo com doçura. — Posso te prometer que nunca a machucarei, mas isso é algo que só o tempo demonstrará, María. E se alguma vez a ferir, asseguro que não o faria de propósito. É um defeito nosso, dos homens, não o leve em consideração, de acordo?

Ela negou com a cabeça e sorriu.

— Eu quero me abrir, As. Mas me custa. Meu ex-marido era tudo para mim e me traiu. Traiu a confiança que depusitei nele e me machucou.

— Mas ele é passado. Sabe onde Luka vive? — perguntou como quem não quer nada.

— Não. Não sei.

— Não importa, eu o encontrarei.

— Nem pense nisso, As. — ela advertiu, alarmada. — Deixe-o em paz, é um infeliz.

— Bom, será mais infeliz sem braços.

Ela abriu a boca horrorizada e logo a fechou ao compreender que não estava brincando.

— Pela Deusa, são uns sádicos, não é?

— Apenas vingativos e odiamos a carniça humana. Luka pode entrar nessa categoria.

— Não. Luka é apenas um imbecil.

As riu e deu um beijo nos seus lábios.

— Adoro seu sotaque, María. É uma mistura entre sul-americano e italiano. Adoro. Esta noite, quando te reclamar, vai me dizer todo tipo de coisas atrevidas em italiano no meu ouvido?

Ela levantou uma sobrancelha negra. Perdão? O que disse?

— Esta noite é lua cheia. Por que é tão importante para você?

— Porque é a noite definitiva em que nos atamos a nossos companheiros, *bela*. E porque é o frenesi berserker. Eu... não quero que se assuste. Você tem a última palavra. Esta noite virei a você como sou, sem me esconder e você dirá se me quer ou me rejeita. A decisão será sua.

María duvidava de que As fosse um homem que aceitasse um não como resposta.

— Só você pode me domar, María.

— Eu...

— Shhh. — pôs um dedo sobre seus lábios. — Não me responda agora. Responda ficando aqui, me esperando e recebendo como faz a *kone* de um berserker.

Por Deus! María ruborizou e baixou o olhar de um modo que o deixou duro em décimos de segundo.

— Então, As... esta noite saberá a resposta. — sussurrou dando um beijo na sua bochecha.

As foi embora no momento de ter essa conversa porque dizia que cheirava Caleb e Aileen, e não suportava pensar que esse vanirio arrogante tinha fornicado com sua jovem neta. Não queria estar perto dele nesse momento. María entendeu e deixou que se fosse, mas não sem antes lhe dar um beijo de parafuso, desses que ajustam todas as porcas.

O líder berserker se foi com um sorriso tolo no rosto muito revelador.

Ao meio dia chegaram Adam, Noah, Cahal, Menw e Daanna para garantir que Aileen estava bem. Aparentemente, o estado de Caleb na noite anterior foi muito preocupante para que todos estivessem tão interessados pelo estado de Aileen. A sacerdotisa reuniu todos na cozinha enquanto preparava a comida. Mas a jovem híbrida estava muito bem, de acordo com o maravilhoso e saudável aspecto que apresentava. Melhor do que bem. E nascera algo entre Caleb e ela durante essa noite. Uma autêntica cumplicidade de casal, como se houvessem resolvido seus problemas, ao menos, no momento.

O ambiente estava um pouco tenso entre Daanna e Menw, e também entre Ruth e Adam. Ali saltavam faíscas por todos os lados e María não era precisamente um bálsamo de paz emocional. Por isso simpatizou com as mulheres e brincou com os ovos fritos de Menw, e com a maneira de Ruth de tratar Adam e chamá-lo Bobby bonito.

Sabia que essa tarde, Aileen e Caleb interrogariam Víctor e que essa noite era a chamada noite das fogueiras dos vanirios.

Seria também sua noite de fogo? O fogo queimaria tudo aquilo que sobrava e a ressarciria como uma ave Fênix, mas para isso, deveria ser muito valente.

Daria sua resposta em poucas horas.

A noite das fogueiras Em Kensington Palace Gardens...

As caminhou com passo firme até a entrada da casa de hóspedes. Estava completamente desenfreado. Saber que María estava tão próxima a ele, que ao cruzar essa porta a carregaria no ombro e correria com ela até chegar ao bosque para fazê-la sua, estava-o enlouquecendo e perdia o controle progressivamente.

Cheirava o jasmim, a essência de sua María. O que ela faria quando o visse em seu máximo esplendor? Afastaria-o assustada? Ou sendo tão corajosa como era, aceitaria tudo o que ele daria?

Imaginava a sua *matronae* a princípio nervosa, mas logo cheia de determinação e segurança. Ele tentaria não machucá-la, mas era um berserker em frenesi e María era bem pequena, e eles eram muito grandes. Stephenie também pôde com ele, mas sempre teve que se reprimir muito por medo de sobressaltá-la de algum modo, e não havia nada pior para um homem de sua raça que assustar sua mulher no âmbito sexual.

Olhou ao seu redor e quando entrou no alpendre da entrada da casa de hóspedes, uma das anciãs saiu pela porta com uma pequena bolsa de couro, como as de antigamente que se enchiam de moedas.

Dyra ergueu a cabeça e seus olhos negros o olharam confusa. As tentou reprimir seu olhar avermelhado cheio de desejo porque não queria assustar a mulher, e falou com os lábios entrecerrados para não mostrar suas presas. O frenesi o mataria.

— Procura María? — perguntou Dyra olhando de cima abaixo.

— Sim... ela está...?

— María não está. Partiu. Não sabemos para onde porque não nos disse, mas... — deu de ombros. — Enfim, não está aqui.

As recebeu essas palavras como se fossem um murro em cheio no estômago. Ficou lívido e contrariado e fixou seu olhar na porta, enquanto Dyra se desculpava e passava ao seu lado timidamente para sair dali.

Apertou os punhos a cada lado de seus quadris e jogou o pescoço para trás com vontade de gritar pra lua. María se foi? Fugiu?

Essa era sua resposta ante sua reclamação? A sacerdotisa covarde partiu e nem sequer lhe deu uma explicação. Ela sabia o que significava essa noite para ele, sabia o que significaria para ambos, eles iam se atar, mas ela... ela fugiu. Mas, por quê? Pensava que a conversa que tiveram tranquilizou a ambos. Obviamente não foi assim e As a odiou por lhe dar falsas esperanças.

Porra. Ele era As Landin. O líder do clã berserker de Wolverhampton. Se essa mulherzinha acreditava que escaparia dele, então não entendeu uma merda do que significava ser companheira de um ser ancestral e antigo como ele. Então a sacerdotisa da deusa nem estava rodeada de tanta magia como ele acreditava, nem era inteligente o suficiente para apreciá-la.

Com esse pensamento, uma raiva monumental e um vazio muito pior no peito, afastou-se

correndo como um animal e deixando que a fúria berserker o envolvesse.

María não estava segura de fazer o correto. Sabia onde As vivia porque perguntou a Aileen, e nessa mesma noite pediu a Igor que a levasse até a casa do berserker. Sentada sobre os degraus do alpendre retorcendo as mãos nervosas, observava a casa de As. Era muito bonita. Estava no meio do bosque, em Wolverhampton. Era uma mansão acolhedora e rústica, rodeada de amplos jardins que se misturavam com a natureza que os rodeava. Ao redor do perímetro do jardim se achavam presas várias tochas, e como colocadas em áreas estratégicas e íntimas havia várias banquetas de pedra que desenhavam um círculo. No interior do círculo havia uma espécie de mesa redonda de pedra e no centro desse círculo um bastão com uma coruja em um extremo e um lenço branco preso na base. Era um objeto um tanto estranho, permanecia ancorado no chão marcando território. Curioso e mágico. Gostava.

O interior dessa casa que tinha às suas costas seria tão cálida e segura quanto seu dono, disse estava convencida. As, o berserker, era tudo o que ela precisava. Ele provavelmente se converteria em seu mundo e ambos orbitariam como os planetas e o sol um ao redor do outro. Já se sentia assim. Desde que o viu, não houve nem um só momento no qual deixasse de pensar nele. Estava nela, em seus pulmões e em seu coração. As lhe dera esperança e María queria ser feliz de novo. Não deixaria escapar essa nova oportunidade que as nornas e a Deusa entregaram a ela tão amavelmente.

Na distância se escutou um rugido de um lobo furioso e María ficou em guarda. Era óbvio que ela estava ali sozinha, e que a lua enorme e bombástica iluminava o jardim e a capa negra e semitransparente que cobria seu corpo. Levantou-se e cravou os olhos escuros de espessos cílios no horizonte, ali onde o jardim acabava e começava o bosque.

Queria seduzir ao homem e ao berserker. E não tinha medo de nada. Se As a quisesse, ela a encontraria em seu lar, em seu próprio território e não em uma casa que estava rodeada de guerreiros. Ela se entregaria a ele, e o faria a sós.

O uivo do lobo se elevou entre as nuvens e chegou até o jardim para acariciar cada célula do corpo de María. Os habitantes de Wolverhampton deviam ouvir os lobos, do contrário estavam todos sob a hipnose dos vanirios, ou eram todos surdos ou acreditavam de verdade que em seus bosques havia lobos selvagens. Ela duvidava disso, porque sabia que tipo de animal gritaria com tanta dor em sua alma. Um animal como As, um que estava tão magoado e desesperado quanto ela.

Desta vez o grunhido soou ainda mais perto. Um grunhido triste e cheio de resignação. Se aguçasse o ouvido, podia inclusive escutar os passos pesados do homem que se aproximava dela. E então o viu. Viu dois pontos amarelos cheios de raiva e confusão que se cravavam nela por entre os galhos das árvores.

— Oh, meu Deus... — sussurrou María começando a tremer.

Aos olhos amarelos se uniram as feições marcadas e musculosas de As: sua barba sem fazer, seu queixo sério, seu cabelo incrivelmente longo, os lábios desenhando uma linha fina de desgosto

e esse corpo que se ampliou como uma raiz quadrada. Parecia vinte centímetros mais alto e largo. Era tão grande e ela tão pequena que não pôde evitar levar a mão à boca e negar com a cabeça.

As se aproximava dela e nem sequer falava. A princípio ele se deteve sob a luz de uma tocha, colocada ali estrategicamente para que ela o apreciasse. Observou-a de cima abaixo como se não acreditasse que estivesse ali, e depois deu um passo e logo outro, medindo sua reação.

— As? — María retrocedeu involuntariamente e olhou a seu redor, nervosa e também excitada. Esse homem-animal a submeteria, não haveria nenhum pinga de ternura nele. Olhou a lua e ela mesma sentiu seu magnetismo. Não, essa noite seria definitivamente selvagem.

— Sim. — respondeu com um grunhido. — Quer me deixar louco, porra?! — disse entre dentes mostrando as presas brancas e afiadas.

María negou com a cabeça e desceu as escadas do alpendre apressadamente. De repente, uma vontade de fugir varreu seu corpo e a fez se sentir atrevida e ao mesmo tempo vulnerável. Não havia nada mais vulnerável do que uma mulher miúda nas mãos de um berserker como As.

María retirou a capa da cabeça e mostrou seu rosto. Nunca esteve tão excitada como nesse momento. Esse prodígio da natureza a valorizava como a uma mulher, com uma fome descarada em seus olhos que agora, em vez de amarelos, começavam a ficar vermelhos. Apenas três metros os separavam. Três metros e esse bombom moreno seria dele.

— Seus olhos estavam... — disse procurando as palavras, trêmula. — Estava zangado? — Deu outro passo pra trás. Havia algo divertido e excitante em fugir dele e, entretanto, era plenamente consciente de que se meteria em uma confusão se começasse a correr como tinha vontade de fazer.

Um grunhido reverberou no peito de As e apertou os punhos com mais força. As veias de seu corpo se marcavam em seus braços e pescoço. Estava vestido todo de negro com roupas folgadas e confortáveis que pudessem suportar sua transformação. Roupas elásticas. Todos os berserkers se vestiam assim em noites de guerra, e pelo visto, também em noites de acoplamento.

— *Diavolo*. — sussurrou ela com voz sexy e magnética, maravilhada por sua imagem viril.

As deu outro passo até ela e estendeu os braços para alcançá-la, mas María se esquivou, estreitou os olhos negros e mordendo o lábio inferior, começou a correr até se meter no bosque.

Fugia. A mulher fugia. Corria com um sorriso altivo nos lábios.

Ele era um homem de instintos e ela os captou a perfeição.

As fechou os olhos, tirou a camiseta, atirou-a ao chão e inalou para se encher de jasmim. Olhou o miúdo corpo de María envolto naquela capa escura e semitransparente e decidiu ir atrás dela. O berserker adorava a perseguição e a caça, como os lobos adoravam espreitar suas presas. Mas eles não eram lobos, só eram homens de instintos selvagens e animais.

María corria emocionada. Ele a estava perseguindo. O lobo feroz a perseguia para encontrá-la e reclamá-la. Jamais em sua vida se sentiu tão viva como nesse momento único de entrega e caça.

De repente, os robustos braços de As a rodearam e a atiraram ao chão, mas o guerreiro amorteceu o golpe com suas costas. Logo se virou e cobriu María com seu corpo, elevando seguidamente os braços acima de sua cabeça e deixando-a indefesa diante dele.

— Fui à sua casa e não estava! — gritou intimidando-a com seus olhos vermelhos e suas

presas brancas.

María lutou para se liberar. Gostava de brigar com ele e a sensação de que a restringia assim a estava deixando com taquicardia.

— Queria fazer uma surpresa! Queria que me encontrasse aqui em sua casa! — gritou ela.

— Sou eu quem sai em sua busca, droga! — gritou afundando o rosto em sua garganta e mordendo-a em sua marca. Sugava e lambia, e sorriu ao notar como María movia os quadris pra frente e pra trás, procurando o toque dele.

— Oh... Per tutto... — Mãe de Deus. As a tocava e ela convulsionava. — E daí se for quem vai em sua busca?! — gritou irritada. — Como pode ver, não tenho nenhum medo de você!

As levantou o rosto, encostou a testa na dela e negou com a cabeça:

— Deixa-me foddidamente louco, María. Gosto de persegui-la. — inclinou-se sobre ela e lambeu seus lábios.

María sorriu incrédula ao ouvir essas palavras, maravilhada pelo macho cheio de magia ancestral que tinha sobre ela.

As respirava como um cavalo descontrolado e soube que já não podia aguentar mais sem se meter dentro do corpo dessa mulher. Ela era sua casa, seu lar.

Beijou-a com toda a fúria e o desespero que sentia, rodeou-lhe a cintura com os braços e a levou com ele até sentá-la escarranchada sobre sua pélvis.

María não queria deixar de beijá-lo. Os dois comiam um ao outro, esfomeados de seus sabores. As tirou sua capa negra e ficou olhando impressionado a nudez total de María. Tudo era pele lisa e descoberta, e era toda dele.

— *Bela...*

— Pensei que seria melhor para você se eu fosse nua...

— Sim. Muito melhor. — ele a tranquilizou.

Passou as mãos por seus ombros, massageou seus seios e acariciou os mamilos com seus polegares. Ela aproveitou para tocá-lo. As era tão bem proporcionado que deviam lhe dedicar uma fórmula matemática. Seus ombros avultados e grandes, perfeitos pra que uma mulher se apoiasse neles; seu peito definido e seus abdominais marcados; e esse pêlo macio quase imperceptível que cobria sua pele. Deus, dava gosto acariciá-lo.

As se agachou e levou os seios de María à boca. Esbaldou-se com eles, como um homem cheio de gula e decadência. E ela estava tão sensível que não sabia como aguentaria outro ataque ou outro roçar de suas presas.

Puxou-o pelo cabelo e o obrigou a deixar de torturar seus seios para ocupar sua boca com sua língua. As tinha sabor de pecado.

Ele arrancou as calças com uma mão e ficou esplendidamente nu diante dela. Tomou-a pela cintura e a virou, obrigando-a a se colocar de quatro diante dele. María o olhou por cima do ombro e engoliu em seco.

Não poderia com ele. Era impossível.

— Apenas me aceite. Me aceite com seu corpo. — pediu As afundando o nariz em sua nuca e acariciando sua pele com suavidade. Abateu-se sobre ela e apoiou um punho de um lado dos ombros de María. A outra mão desceu à sua virilha e a acariciou, impregnando-se de sua cremosa

suavidade. — Tão excitada, *bela*...

— *Prego... prego, As...* — ela implorou esfregando-se contra sua mão, procurando seus dedos e seu toque mais íntimo e profundo. As colocou um dedo a alargando, e ela gemeu e abriu os olhos, cravando-os na imensa lua que se divisava através das copas das árvores.

— Suplica? Suplica por mim, *kone*? — María assentiu com a cabeça e levantou o traseiro, incitando-o. — Não me teme?

— Não. Não temo.

— Deseja-me?

— Sim. — choramingou ela procurando seus dedos curiosos e torturantes.

— Por Odín... Você não sabe como isso me deixa. Prepare-se, querida. — grunhiu enquanto colocava a ponta inchada e roxa de sua ereção em sua úmida cavidade. Introduziu-se sem pressa, mas sem pausa, sem deixar que ela descansasse nem se fechasse a sua intrusão.

María afundou os dedos no chão de terra do bosque e gritou quando se sentiu completa e absolutamente empalada por esse guerreiro. Nem sequer podia se mover. O cabelo comprido e escuro de As cobriu suas costas e suas mãos começaram a acariciar seu clitóris, enquanto ela estremecia sem saber se doía ou gostava do que acontecia no interior do seu corpo. Era difícil abrir espaço para ele, mas María prometeu a si mesma que não se queixaria. As a faria apreciar, disse estava mais do que segura.

O berserker a mordeu em sua marca e começou a mover os quadris para frente e para trás. Bombeando sem se deter em nenhum momento. Olhou para baixo para ver como seu pênis saía do canal encharcado de María e uivou à lua ao sentir que por fim era dele.

María e ele se pertenciam. Para os berserkers não era necessário cercar relações pessoais duradouras para poder ver sua compatibilidade. Ou era sua *kone*, ou não era. E María com toda certeza era.

A mulher se moveu no ritmo de As, e ambos se fizeram um.

Sem vergonha.

Sem desconfianças.

Sem máscaras nem subterfúgios.

Um. Como os casais berserkers deveriam ser.

María soluçou ao sentir que As se inchava em seu interior, e este cobriu seu sexo com a mão enquanto seguia penetrando-a por trás.

— Shhhh. — ele sussurrou lambendo sua garganta. — É perfeita, *kone*. Dói?

— Sim... dói *il corpo, il collo*... — murmurou virando o rosto para poder beijá-lo. — *IL cuore*...

— Eu sei que meu coração dói. Dói por você.

— As, isso é uma loucura... mas é que eu... eu te amo. E me atrevo a estar contigo.

— Agora e sempre?

— Agora e sempre, berserker.

As grunhiu, inclinou a cabeça e a beijou.

Uma luz dourada rodeou seus corpos como se fosse uma segunda pele e a energia pessoal de María, seu *chi*, foi ao encontro de As, e a de As fez o mesmo. Os dois absorveram suas essências ao mesmo tempo e se retroalimentavam.

María aceitou o beijo gostoso com as pálpebras entrecerradas pelo prazer, o corpo moído pela tensão ainda insatisfeita e os lábios inchados de morder. Algo acontecia com ela. Algo a enchia de calidez e de uma segurança que jamais sentiu na vida.

Era o *chi*. Esse homem de presas bicudas, olhos vermelhos e músculos de aço, esse homem imortal maravilhoso estava lhe entregando sua energia vital. E ela fazia o mesmo com ele como se sempre se pertencessem. Talvez sempre fosse assim, talvez sempre tivesse pertencido a ele. Mas até a data ainda não se encontraram.

Que a Deusa abençoasse Aileen por tudo o que sua chegada trouxe.

Juntos alcançaram a cúpula do orgasmo entre gritos, tremores, estremecimentos e esse nirvana que só aparece quando se entrega plenamente a uma pessoa. O nirvana do amor.

As ficou em cima dela, cobrindo-a com seu corpo, acariciando-a para que não se esfriasse, acalmando-a com seu toque.

Beijou-a na bochecha e colou seus lábios ao seu ouvido para sussurrar docemente:

— Não quero te assustar, mas... *Jeg elskar deg, María*.

María não sabia norueguês, mas seu coração inchou ao escutar essas palavras e soube sem dúvida nenhuma que se tratava de uma declaração de amor. E se sentiu tão feliz e completa que respondeu com lágrimas nos olhos:

— *Ti amo, As*.

As tomou nos braços sua mulher sacerdotisa. Uma morena ítalo-argentina que devolveu a juventude a ele. Levou-a para sua casa, ao seu quarto, para sua cama, o lugar que sempre lhe corresponderia por toda a vida.

María se aconchegou em cima dele e ele começou a beijá-la de novo, esquentá-la e a reconfortá-la com suas mãos, sua boca e seu corpo. E acabaram fazendo amor de novo.

As deixou a mulher esgotada e permitiu que dormisse umas horas antes de voltar a começar de novo. Nunca poderia afastar as mãos dela. Essa seria sua realidade.

Mas em uma dessas pausas em sua maratona sexual, María despertou de repente e agitada. Ergueu-se sobre a cama, cobrindo os seios com o lençol branco e cravou a vista à frente, com o cabelo negro revoltado e desordenado e o olhar perdido.

— *Bela?* O que foi? — perguntou As inquieto.

— Shhh. — ela o cortou levantando a mão e olhando para o teto como se procurasse um mosquito. — É Aileen.

As se sentou diante dela e a olhou fixamente.

— Aileen?

— Pela Deusa... — levou uma mão à boca e focalizou seus escuros e sensuais olhos em As. — Aileen e Caleb estão em perigo, As. — explicou assustada. — Foram sequestrados e levados para umas cavernas de Glastonbury e vão matá-los...

— Como diz?! — As se levantou e calçou as calças largas e a camiseta negra.

— É... As. Eles vem para Wolverhampton. Vai ter que ajudar os vanirios. O amanhecer está próximo e vão atrás das crianças. Os seus e os deles!

— Seu dom é confiável? — perguntou como um General.

— Naturalmente! — respondeu levemente ofendida.

Se não fosse porque ele estava apavorado pela possibilidade de que matassem sua neta, teria rido ao ver a cara tão engraçada de María.

— *Benne*. Então vou avisar o clã, a Noah e...

De repente escutaram o tamborilar de um punho na porta da casa.

As e María olharam um ao outro.

— Quem deve ser?

— É Adam. — As agarrou seu oks, o machado dos berserkers, sua arma pessoal e favorita.

— Como sabe?

— Meu olfato. — Disse sério e concentrado em se vestir. Deu um rápido beijo nos seus lábios e disse: — E pelo visto não traz boas notícias. Não se mova daqui, *bela*. Vou sair. Talvez tenha salvo nossas vidas.

María assentiu se cobrindo ainda mais com o lençol. As lutaria e ela deveria esperá-lo. Ninguém o machucaria porque ele era invencível, mas saber disso não lhe deu a tranquilidade que precisava.

— As.

— Sim?

— Tenha muito cuidado, por favor. Esperarei você aqui.

As se inchou como um galo, piscou um olho e desceu as escadas com convicção. Abriu a porta de sua casa e encontrou a um Adam decomposto.

— Estava no totem meditando — explicou o jovem moreno, sério e com um piercing negro reluzindo em sua sobrancelha —, e veio a humana de cabelo mogno.

— Ruth?

— Sim. Diz que recebeu uma mensagem telepática de Aileen e que...

— Estão em perigo? Disse isso?

— Sim. — respondeu Adam assombrado. — Como...? Como sabe?

As pensou em dizer a verdade sobre María. Mas guardou isso. Só ela deveria dar sua permissão para revelar seu segredo, como Ruth deveria revelar o seu.

— Apenas sei.

— Ah... bom. — disse Adam sem compreender nada. — Eles os tem em Glastonbury Tor. E também disse que os lobachos e vampiros se dirigem a Wolverhampton e a Dudley. Vão atrás das crianças. — rugiu preocupado.

— Bem. María tem razão. — disse orgulhoso dela. Pôs sua mão sobre o ombro de Adam. — Obrigado por sua mensagem, noaiti. Seu dom é muito prezado para mim. Vamos nos preparar. Avisem os vanirios.

— Já sabem. Ruth falou com Daanna antes de vir pra cá e Noah e Gabriel foram a Glastonbury Tor libertar Caleb e Aileen.

Os olhos de As ficaram amarelos e seu corpo mudou a modo fúria berserker. Adam fez o mesmo e os dois guerreiros assentiram com a cabeça ao mesmo tempo; os corpos enormes e desenvolvidos, os olhos amarelos e o cabelo comprido.

— Às suas ordens, *leder*.

— Vamos defender o que é nosso, *kompiss*.

Enquanto As saía do quarto, María engoliu o nó que tinha no estômago ao vê-lo partir. Afundou o rosto ruborizado no travesseiro branco e sorriu eufórica pela incrível noite de amor e paixão que vivera. Deuses, queria essas noites todos os dias de sua vida. Apaixonou-se por esse homem com um abandono indigno para uma mulher de sua idade. Mas só uma mulher de sua idade valorizaria uma noite como essa, pois a experiência dizia que aquela foi mágica, sublime. Única.

Inalou e se encheu do aroma do corpo limpo de As. O líder do clã de Wolverhampton era dela, e não permitiria que seus receios a separassem do verdadeiro amor e da hombridade do guerreiro de Odín.

Amava-o. E o ajudaria naquela guerra entre seres ancestrais que ocorria na Terra. Um planeta que era da Deusa e ao qual ela, como sacerdotisa, também deveria proteger.

Aileen entrou em contato com ela mentalmente. A menina estava em perigo e os vanirios e berserkers lutariam unidos para defender seus territórios e para proteger uns aos outros pela primeira vez. Como se nunca tivessem sido dois clãs antagônicos. E desta vez, a voz foi mais clara que nunca, a comunicação mental foi limpa e concisa. Aparentemente, o *chi* de As expunha seus canais e a abria a outras ondas.

Ajudaria o planeta. Ajudaria a Deusa. E trabalharia para desenvolver mais seus dons telepáticos. E As, sua força e sua magia, estariam com ela para sempre.

As recordaria eternamente o exato momento que viu Mikhail, o homem que sequestrara sua neta Aileen e matara sua filha Jade, aparecer entre as nuvens e descer com seu grupo de vampiros e lobachos em Wolverhampton.

As e seus berserkers se orvalharam com os sprays desodorizantes que a mesma organização Newscientists utilizava para camuflar os aromas das peles putrefatas de seus seguidores, portanto, Mikhail e os seus não os detectaram, nem podiam imaginar que eles estivessem ali.

Quando Adam os viu aparecer, assinalou-os com seu oks e dando um grito de guerra berserker, esporeou aos seus para ir à luta. Foram descalços, vestidos com camisetas brancas elásticas sem mangas, com suas calças largas estilo capoeira e todos transformados graças ao *Od*, a fúria berserker.

Não deixariam ninguém vivo. Seus guerreiros terminariam a tarefa, mas As só queria o sangue de Mikhail.

Adam espreitou o vampiro e em deferência e hierarquia, permitiu que fosse seu *leder* quem acabasse com sua vida.

As se dirigiu a Mikhail e deu um murro em cheio em sua mandíbula. Mikhail saiu disparado e se chocou contra o Totem do clã berserker. As o puxou pelo pescoço e o levantou com uma só mão. Por Odín, vingaria sua Jade. Vingaria o engano que Aileen sofreu, vingaria a todos.

— Sou As, o pai de Jade e avô de Aileen. — desfrutou ao ver como Mikhail reconheceu em seus olhos verdes, os olhos de Jade.

As levantou o oks e decepou, de uma machadada, a parte inferior do tronco de Mikhail.

Enquanto o vampiro se enfraquecia disse:

— Vamos caçar a todos. Seitas, sociedades, lobachos e vampiros. Nós os encontraremos e os devolveremos ao buraco podre do qual nunca deveriam ter saído. Enfrente as consequências. E isto é por Aileen.

Lançou o que ficava do corpo de Mikhail ao céu e quando caiu e esteve a sua altura, cortou-lhe a cabeça. Fazendo um movimento com seus braços digno do melhor rebatedor da história.

Depois procurou Adam, assentiu com a cabeça e se uniu ao resto da matança de seguidores de Loki. Nem dessa vez, nem nunca, permitiriam que lobachos e vampiros ganhassem em Wolverhampton. Aquele era território berserker, e nesse território, em sua casa, achava-se uma mulher sacerdotisa que se convertera em seu novo lar. Ele a protegeria sempre.

E já estava desejando voltar para ela.

Três dias mais tarde

Kensington Palace Gardens

A batalha contra Samael e Mikhail deixara muitas baixas. Aileen e Caleb entre elas. Fazia três intermináveis dias que nem um, nem outro abriam os olhos. Samael deixou Aileen ferida muito gravemente, e embora Caleb a tenha vingado, a jovem não despertava.

Estavam na casa da híbrida em quartos separados. Caleb jazia na cama, fraco por não poder beber sangue de sua *cáraid* e em coma induzido para poder seguir unido mentalmente a jovem e ajudá-la a sair daquele estado de inconsciência no qual se encontrava. Antes de cair inconsciente, pediu a Menw que alimentasse Aileen com bolsas de seu sangue, para que o vínculo seguisse sólido entre eles.

María permanecera acordada esses dias cuidando deles sem descanso. Também Ruth, Gabriel, Menw, o curador do clã vanirio, Daanna e Cahal McCloud, irmão de Menw vinham frequentemente para ver como estavam e se podiam ajudar em alguma coisa. As revezava e ajudava no que podia. Um se apoiava no outro nesses momentos de incerteza, e María tentava por todos os meios tranquilizar o *leder*. As já sofrera muito e não precisava passar por outro mau momento. Aileen era forte e sairia dessa situação. E Caleb McKenna estava desejando que a garota de olhos lilás retomasse a consciência, e esse vanirio nunca se renderia até vê-la abrir os olhos de novo.

Entretanto, embora houvesse muitas mãos para ajudar, nada mais podiam fazer para despertar o casal, pois somente a vontade de ambos os tiraria do buraco negro no qual se perderam.

E essa vontade, para alegria de todos, despertara nesse mesmo dia.

As estava na cozinha, sentado mais relaxado depois de dias de tensão bem na frente de María, que o olhava feliz, apoiada na mesa enquanto sorvia um chá verde com hortelã. Nem ela nem ele tornaram a se tocar depois da noite das fogueiras.

Depois da batalha, As recebera a notícia do mal estado de Aileen, e ambos se deslocaram imediatamente a Kensington Palace para cuidar de sua neta e do vanirio, portanto, nem o

berserker nem a sacerdotisa puderam estar juntos porque tinham outras prioridades. As notícias sobre o estado de Caleb e Aileen fazia com que tivessem outros objetivos mais importantes que exatamente como Aileen fez nessa madrugada.

E María estava desejando que As se equilibrasse sobre ela. Agora, nesse lugar da casa que ambos gostavam tanto, desafiavam-se com os olhares enquanto escutavam através da rádio o *Dové l' Amore*, de Cher.

— Cuidou muito bem de minha neta, María. — Os olhos verdes de As expressavam uma sincera e aberta apreciação, enquanto apreciava descaradamente sua figura curvilínea.

— *Grazie*, As. — sussurrou ela levantando uma sobrancelha negra. Seus olhos escuros brilharam com diversão.

— Aproxime-se.

María deu um último gole no chá, deixou-o afetadamente sobre a pia e jogou o cabelo negro para trás, mas não se aproximou dele.

— Sabe do que preciso? — disse As. Olhou ao seu redor e ao ver que estavam sozinhos, estendeu os braços para ela e a puxou pela cintura. Puxou-a para ele e afundou o rosto no estômago da *matronae*, inalando como um homem desesperado. — Isto... preciso disso.

María engoliu em seco e ruborizou.

— Também foi duro pra mim não poder estar com você estes dias, As. Também preciso ter você.

— Sim? — Sentou-a sobre suas pernas e a abraçou, ficando muito quieto, inspirando sua essência de jasmim.

— Sim. — ela sussurrou acariciando seu cabelo.

— É minha *kone*. A mulher do *leder*. E não posso estar mais orgulhoso de você. Levou esse timão por três dias. Todos a obedeciam, todos perguntavam a você o que deviam fazer ou no que podiam ajudar.

— Não fiz nada.

— Sim. Sim, fez. É minha anfitriã e a mulher que quero ao meu lado para toda a eternidade. Quer estar ao meu lado tanto tempo?

María sentiu que um arco-íris se formava em seu coração, um cheio de cores de esperança e segundas oportunidades. O amor mais autêntico, o mais passional e o mais mágico chamara a sua porta, e embora ficasse muito por conhecer entre eles, lançaria-se de cabeça porque era isso o que faziam as mulheres apaixonadas, e de algum modo estava apaixonada e queria confiar em As.

— E... e preciso — levantou a cabeça e permitiu que María passasse os dedos pelo seu cabelo, como se acariciasse a um felino. — *Vorrei...*

— O que, *amore*? — ela perguntou se inclinando para dar um suave beijo nos seus lábios. — Que deseja?

— Preciso te despir e me afundar em você.

María estremeceu e seus olhos obscureceram de desejo. Ele acariciou suas costas e nádegas, e ela apertou seus seios contra seu tórax.

— Estamos na cozinha. — respondeu mordendo o lábio inferior.

— Bom, porque assim poderei te jogar um pouco de molho por cima...

— Molho? — sorriu e negou com a cabeça. — Não acredito, *leder*.

— Oh, sim. Minha *kone*... vou fazer para mim uns *macarroni a la carbonara* com você, *bella*.

María soltou uma gargalhada tão natural como a própria vida, e As a mordeu suavemente em sua marca fazendo que ela ficasse sem fôlego.

— Minha. — grunhiu cravando os dedos no seu traseiro. — Vamos pra minha casa, agora. Quero que viva comigo.

À mulher nada parecia mais maravilhoso do que estar com As todos os dias.

— Mas Aileen talvez precise...

— Não. Aileen despertou e está bem. Caleb McKenna é um guerreiro que cuidará dela e a amará como merece, e sempre me terá para o que ela quiser. Mas quero que você cuide de mim. Quero estar com você todas as horas e que compartilhe sua vida e o que é comigo.

Ela encostou sua testa à dele. As sacerdotisas e o resto da equipe de funcionários seguiriam em Kensington dando uma mão a Aileen e cuidando da casa. E ela poderia viver com As sem perder nada por isso, ao contrário, ganharia o homem de sua vida.

— Cuidará de mim, As?

— Sempre. — assegurou com solenidade. — Não há nada mais importante que seu bem-estar e sua segurança. Amo você, María. E é importante para mim, e cuido e cubro as necessidades de quem se entrega a mim.

— *Non c'è nessuno*. — cantarolou ela ao ritmo da canção de Cher. — *Non c'è nessuno, bello como te e ti amo*. Não há ninguém tão belo como você e eu te amo.

— Fica comigo?

— Sim. — assentiu cheia de emoção e cativada pelo olhar suplicante de As. — Entrego-me a você com todas as consequências.

— Estaremos juntos no amor e na guerra. Já sabe que tipo de vida nos rodeia, *kone*...

— No amor e na guerra, meu *mann*. Juntos até que Odín diga sua última palavra.

As a beijou nos lábios e o que começou sendo um beijo doce se converteu numa troca de línguas esfomeadas e dentadas abrasadoras. Se fosse por eles, certamente teriam se despedido na cozinha e María teria permitido que As a tomasse em cima da mesa. O berserker a estava levantando para apoiá-la sobre a mesa quando alguém os interrompeu:

— Bom dia, María, vou visitar Aileen... Oh, pelo amor de Deus! — exclamou Ruth cobrindo os olhos e virando de repente. — Fiquei cega! — gritou a jovem esperta saindo rapidamente da cozinha.

As e María olharam um para o outro com os lábios inchados pelos beijos. Ele sorriu e mostrou as presas, como o lobo que não era e ela soltou uma gargalhada cheia de surpresa. Ruth os pegou de novo. E não havia nada mais maravilhoso do que ser descoberta nos braços do berserker mais autêntico e amadurecido de Wolverhampton.

As seria dela. María seria dele.

Até que as runas revelassem o destino da humanidade. A aventura acabava de começar e todos teriam seu papel no desenlace.

A vida sempre dá segundas oportunidades.



FIM